

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS**

LETÍCIA MAYER BORGES

**MACHADO DE ASSIS E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E
ESCRAVA:
O desprestígio social *versus* a importância literária**

**São Leopoldo
2020**

LETÍCIA MAYER BORGES

**MACHADO DE ASSIS E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA E
ES CRAVA:
O desprestígio social *versus* a importância literária**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
- Português, pelo Curso de Letras da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Eliana Inge Pritsch

São Leopoldo

2020

Ao bruxo do Cosme Velho, por ter mudado minha vida para melhor! Obrigada, Machado de Assis.

AGRADECIMENTOS

Acredito que, como o tema deste trabalho se preocupa com o feminino e sua luta, devo tecer meus agradecimentos a todas as mulheres incríveis, trabalhadoras, inspiradoras e companheiras que fizeram parte da minha constituição como professora, como pesquisadora e, sobretudo, como pessoa. Minha caminhada na graduação, na pesquisa, no trabalho e na vida, com certeza, foi mais feliz e muito mais fácil com essas mulheres maravilhosas ao meu lado.

Agradeço à minha amiga, prima, vizinha, colega de estudos e de trabalho, Fernanda Christ, pela cumplicidade, desde 1998. Estendo esse primeiro agradecimento às minhas amigas Gabriele Henz Fontanari, Franciele Mayer e Isadora Bonfanti, por me aturarem e apoiarem diariamente.

Agradeço às amigas de infância. Andressa Henz, Greice Luft, Daiane Larissa Frank e Luana de Alexandre, obrigada por essa amizade que resiste ao tempo e à distância.

Agradeço às amigas que fiz na EMEI Mãe de Deus. Rubia Marques, Sandra Schmitz, Betina Poersch, Larissa Luft, Gabriela Amaral, Deise Assmann, Luiza Schmitz, Alana Luiza Vogel, Franciéli Esteves e Lizandra Rauber, obrigada pela parceria e pelos momentos incríveis que vivemos juntas e com as crianças.

Agradeço às amigas que fiz na UNISINOS. Amanda Espinosa, Caroline dos Reis Soares e Ana Laura Soveral, com certeza, nossos anos de passagem pela universidade foram menos tortuosos e mais alegres por estarmos juntas.

Agradeço às amigas Caroline Dupont e Síntia Schweikart por me aturarem falando de TCC e faculdade *todas* as vezes que nos encontramos. Sou grata por todas as dicas, os conselhos e os momentos de desabafo.

Agradeço às amigas, cúmplices, colegas, professoras, Márcia Rohr Welter e Tatiane Kaspari. Minha gratidão e minha admiração por vocês são infinitas.

Agradeço às minhas professoras da infância, Josileni Hahn Tomazi e Lígia Regina Angst. Vocês me fizeram acreditar na educação e, hoje em dia, são parte de muito do que eu sou. Obrigada, obrigada, obrigada.

Agradeço às minhas professoras de Literatura, na UNISINOS, Isabel Cristina Arendt, Márcia Lopes Duarte e Eliana Inge Pritsch e, também, à minha professora dos Estágios Supervisionados, Maria Helena Albé. Todos os livros, todas as discussões e

todos os aprendizados que tive com vocês, durante esses anos, consistem em memórias muito valiosas. Levarei para sempre.

Por último, mas não menos importante, deixo o meu agradecimento à minha orientadora, Eliana Inge Pritsch. Agradeço, principalmente, pela paciência. Depois, por todas as pequenas e grandes coisas que fazem parte do papel de quem orienta.

*"A abolição é a aurora da liberdade;
esperemos o sol;
emancipado o preto, resta emancipar o branco". (ASSIS, 2005, p. 92)*

RESUMO

Machado de Assis, um dos maiores escritores da literatura brasileira, foi cobrado por escritores e pesquisadores por não falar dos problemas do seu tempo. Com o objetivo de olhar para a obra machadiana e identificar suas manifestações sobre a escravidão, este trabalho baseia-se na Estética da Recepção para considerar o ambiente em que Assis produziu sua obra, e o momento de recepção dos leitores do século XXI. A metodologia de análise iniciou com uma pesquisa quantitativa das menções do autor a personagens negros e negras escravizados e ao regime escravocrata. Depois, foi realizada a revisão bibliográfica de pesquisadores que se preocuparam tanto com a escravidão no Rio de Janeiro do século XIX, quanto com a escravidão presente na obra machadiana. Diante disso, foi possível perceber que personagens negros permeiam, majoritariamente, o pano de fundo das obras de ficção e que as únicas narrativas em que, sintomaticamente, as personagens femininas revelam o tema da escravidão ao mesmo tempo que assumem importância nessas narrativas são: “O caso da vara”, “Pai contra mãe” e “Mariana”. Lucrecia, Arminda e Mariana, personagens dos referidos contos, representam a classe marginalizada, desprestigiada socialmente e são aquelas que os narradores do autor colocam em cena para falar de escravidão, garantindo a importância literária que o tema merece para ser discutido.

Palavras-chave: Machado de Assis; escravidão; crítica; mulheres negras.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Recorte da Missa Campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura	31
Fotografia 2 - Recorte da Missa Campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura em que aparece Machado de Assis	31
Fotografia 3 - Machado de Assis.....	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Menções do romance <i>Ressurreição</i>	34
Quadro 2 - Menções do romance <i>A mão e a luva</i>	34
Quadro 3 - Menções do romance <i>Helena</i>	35
Quadro 4 - Menções do romance <i>Iaiá Garcia</i>	36
Quadro 5 - Menções do romance <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i>	36
Quadro 6 - Menções do romance <i>Quincas Borba</i>	37
Quadro 7 - Menções do romance <i>Dom Casmurro</i>	38
Quadro 8 - Menções do romance <i>Esaú e Jacó</i>	39
Quadro 9 - Menções do romance <i>Memorial de Aires</i>	40
Quadro 10 - Menções do livro de contos <i>Contos Fluminenses</i>	40
Quadro 11 - Menções do livro de contos <i>Histórias da meia-noite</i>	41
Quadro 12 - Menções do livro de contos <i>Papéis avulsos</i>	41
Quadro 13 - Menções do livro de contos <i>Histórias sem data</i>	42
Quadro 14 - Menções do livro de contos <i>Várias histórias</i>	43
Quadro 15 - Menções do livro de contos <i>Páginas recolhidas</i>	44
Quadro 16 - Menções do livro de contos <i>Relíquias de casa velha</i>	44
Quadro 17 - Menções da fase 1 - (1858-1867)	46
Quadro 18 - Menções da fase 2 - (1868-1871)	46
Quadro 19 - Menções da fase 3 - (1872-1873)	47
Quadro 20 - Menções da fase 4 - (1874-1875)	48
Quadro 21 - Menções da fase 5 - (1876-1877)	49
Quadro 22 - Menções da fase 6 - (1878-1882)	49
Quadro 23 - Menções da fase 7 - (1883)	50
Quadro 24 - Menções da fase 8 - (1884)	50
Quadro 25 - Menções da fase 9 - (1885-1892)	51
Quadro 26 - Menções da fase 10 - (1893-1907)	51
Quadro 27 - Total de menções em livros	52
Quadro 28 - Total de menções em contos avulsos	52
Quadro 29 - Total geral das menções	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PANORAMA DA ESCRAVIDÃO NO RIO DE JANEIRO DO SÉC. XIX	13
3 MACHADO DE ASSIS E A ESCRAVIDÃO	20
3.1 Críticos da obra machadiana	24
3.1.1 Afinal, de que “tempo” Machado de Assis é?	27
3.2 Personagens negros e escravos da obra.....	34
4 ESCRAVAS NEGRAS: DO SILENCIAMENTO À IMPORTÂNCIA DIEGÉTICA...56	
4.1 Lucrecia.....	56
4.2 Arminda.....	59
4.3 Mariana.....	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS.....	69

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis é um dos maiores escritores da literatura brasileira e sua obra é repleta de temas atemporais, como o ciúme e a ironia. Entretanto, o autor foi cobrado por escritores e pesquisadores, tanto contemporâneos quanto posteriores, por não falar abertamente dos problemas do seu tempo, século XIX. O principal desses temas era a escravidão, já que, além da visibilidade que tinha como romancista, contista, dramaturgo, censor de teatro e crítico, Machado era negro¹.

Com o objetivo de olhar para a obra machadiana e identificar suas manifestações sobre a escravidão, o presente trabalho se apoia nos estudos da Estética da Recepção para considerar o ambiente em que Assis produziu sua obra, o Rio de Janeiro, capital do antigo império e da novata república, e o momento de recepção, pensando nos leitores do século XXI.

Por anos a teoria literária se preocupou com a “intenção do autor” ou com o ato de dissecar estruturalmente aspectos literários sem conceber que o texto não faria sentido se não existisse um agente ativo, como o leitor, para realizar a leitura e trazer significado para a produção do escritor. Nesse sentido, o teórico alemão Hans Robert Jauss defende que:

Uma interpretação que ignorasse esta experiência estética primeira seria própria da presunção do filólogo que cultivasse o engano de supor que o texto fora feito, não para o leitor, mas sim, especialmente, para ser interpretado (JAUSS, 1979, p. 69).

Além de Jauss, Wolfgang Iser corrobora com o caráter de importância do leitor, pois, segundo ele, “Enquanto se falava em intenção do autor, da significação contemporânea, psicanalítica, histórica etc. dos textos ou de sua construção formal, os críticos raramente se lembraram de que tudo isso só teria sentido se os textos fossem lidos” (ISER, 1996, p. 49). Jauss e Iser são os maiores expoentes no que se tem conhecimento da Estética da Recepção, além de reconhecer a existência e a importância do receptor do texto literário, esses teóricos se preocuparam em pensar de que forma o momento sócio-histórico-cultural em que o indivíduo leitor está inserido contribui para a interpretação. Segundo Hans Jauss,

para a análise da experiência do leitor ou da “sociedade de leitores” de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o

¹ Bisneto de escravos, neto de negros forros, mas filho de mãe açoriana/portuguesa.

efeito, como momento condicionado pelo texto, e a *recepção*, como o momento condicionado pelo destinatário, para a concretização do sentido como duplo horizonte - o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade (1979, p. 73, grifos do autor)

Iser também descreve essa dicotomia, considerando que “a obra artística tem dois pólos que podem ser chamados pólos artístico e estético. O pólo artístico designa o texto criado pelo autor e o estético a concretização produzida pelo leitor²” (ISER, 1996, p. 50). No ato da leitura, o autor, o texto e o leitor formam uma tríade que produz algo que antes inexistia (ISER, 1979). E, com esse processo a interpretação passa a evidenciar “o potencial de sentido proporcionado pelo texto” (ISER, 1996, p. 54).

Para descrever essa inter-relação entre autor-texto-leitor, Wolfgang Iser usa uma analogia de jogo, em que os autores e os leitores jogam e o campo é o texto. Esse jogo pressupõe atitudes intencionais de ambos os lados, o autor produz uma realidade e o leitor é responsável por acessá-la conscientemente, dessa forma “o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, a interpretá-lo” (ISER, 1979, p. 107). Ao realizar essas tarefas de imaginar e interpretar, o leitor é capaz de aperfeiçoar o mundo contido no texto de acordo com sua realidade e “não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem - e, daí, modificam - o mundo referencial contido no texto” (ISER, 1979, p. 107). Voltando-se para a ficção, o leitor protagoniza também um processo de autoconhecimento, ao refletir criticamente acerca da realidade do texto em comparação a sua própria realizando sua formação identitária.

Por nos conceder ter a ausência como presença, o jogo se converte em um meio pelo qual podemos nos estender a nós mesmos. Essa extensão é um traço básico e sempre fascinante da literatura. Inevitavelmente, se põe a questão por que dela necessitamos (ISER, 1979, p. 118).

A importância do papel ativo do leitor na leitura e interpretação, neste trabalho, considera a recepção do século XXI, já que constitui o atual momento. Para analisar o momento de produção e a recepção da fortuna crítica que julgou Machado de Assis como “alheio às questões de seu tempo”, a metodologia tem que dar conta de mostrar esse cenário, a saber a questão da escravidão. O método de análise se deu em duas partes: a primeira mapeia a obra machadiana realizando uma pesquisa quantitativa das menções do autor a personagens negros escravos, negras escravas e ao próprio

² Essa citação respeita a ortografia da publicação original, anterior ao Acordo Ortográfico.

regime escravocrata; a segunda parte da análise realiza a revisão bibliográfica de pesquisadores que se preocuparam tanto com a escravidão no Rio de Janeiro do século XIX, quanto com a escravidão presente na obra machadiana. Entre esses autores citam-se: Sidney Chalhoub (2003, 2011, 2012), Lilia Moritz Schwarcz (1996a, 1996b), John Gledson (1986), Heloísa Toller Gomes (2009), Mailde Jerônimo Trípoli (2006), Eduardo de Assis Duarte (2009) e Hélio de Seixas Guimarães (2019).

Os estudos da Estética da Recepção foram abordados, aqui na Introdução, primeiro para exemplificar os dois horizontes de expectativa em questão: a produção e recepção das obras de Machado de Assis no século XIX e a leitura e a recepção do leitor do século XXI; e segundo por não serem o foco central do trabalho. Além disso, essa teoria reforça a importância do protagonismo leitor para que, através da compreensão, o público possa também atingir a reflexão e a fruição da obra.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, sendo o primeiro a “Introdução” e o quinto, as “Considerações finais”. O segundo capítulo, intitulado “Panorama da escravidão no Rio de Janeiro do séc. XIX”, preocupa-se em vislumbrar a vida do negro na capital do Brasil, do período, e a realidade em que Machado de Assis, possivelmente, vivenciou as situações que constituíram seu imaginário e as personas que inspiraram as personagens de suas obras. O terceiro capítulo intitulado “Machado de Assis e a escravidão” se divide em três momentos: primeiro enumera fatos e acontecimentos da vida do escritor que estejam relacionados com a causa negra e com a escravidão, depois apresenta testemunhos da fortuna crítica do autor e, por último, mapeia sua obra em prosa para lançar um pouco mais de luz sobre como a escravidão e o povo negro é representado. O quarto capítulo, “Escravas negras: do silenciamento à importância diegética”, discorre sobre as três obras em que três personagens negras apresentam importância para a narrativa e em que o autor estabelece elementos que compõem sua crítica ao regime escravista.

2 PANORAMA DA ESCRAVIDÃO NO RIO DE JANEIRO DO SÉC. XIX

A escravidão é um dos momentos históricos, no Brasil e no mundo, de maior intolerância e violência contra um povo. No nosso país, um dos últimos a abolir o regime, o período de exploração da raça negra foi de 388 anos, oficialmente. As marcas desse preconceito ainda são visíveis na sociedade “em nossas religiões mestiças, em nossos costumes e preconceitos. Entendida como uma dádiva, a libertação dos cativos e a sua forma de inserção não foi discutida na época e até hoje é um tema pouco nomeado” (SCHWARCZ, 1996a, p. 28).

Os motivos, tanto de início, quanto de fim da escravidão, são parecidos e estão ligados à economia, conforme Gomes (2009, p.25) “a escravidão negra nas Américas se configurou um sistema inerente ao modo de produção colonial e atrelado indissolúvelmente ao colonialismo mercantilista europeu”, em consonância, Lília Moritz Schwarcz (1996a, p. 11) afirma que “presente já na Antiguidade, o cativo humano é recriado junto com o capitalismo comercial e o movimento de expansão colonial, e tem no Brasil um local privilegiado”. O regime começou porque era preciso mão de obra e força de trabalho para que impérios agrários se formassem, e terminou porque, para que a economia se fortalecesse, era preciso ter mais consumidores livres na sociedade. Seja por motivos econômicos, seja por motivos “naturais”, já que diversos “cientistas sociais” atribuíram, na época, aos negros, inferioridade intelectual, falhas morais e até “necessidade” de autoridade,

Sua justificativa primeira, dissimulando o interesse econômico, foi a diferença e a inferioridade do sujeito a ser escravizado. Felizmente, não se tratando de um fato ou direito natural, pôde, ainda que a duras penas, ter seu fim decretado por uma lei. Os preconceitos e o racismo, por sua vez, são de caráter ideológico e psíquico: são passíveis de fomentação e introjeção, passam pelo emocional, social e cultural. Não podem ser eliminados por decretos ou leis” (TRÍPOLI, 2006, p. 13).

A violência imposta ao povo negro se enraizou na sociedade e não se estendia somente à força de trabalho e à coisificação de seres humanos, mas também sua identidade, sua cultura, sua língua, suas vontades, ou seja “Na escravidão, transforma-se um ser humano em propriedade de outro, a ponto de ser anulado seu próprio poder deliberativo: o escravo pode ter vontades, mas não pode realizá-las” (PINSKY, 2011, p. 11). A vontade dos negros também era polida com castigos, da mais variada natureza, a violência física e moral que os escravos sofriam “despertaram inúmeras reações, ora mais coletivas ora mais individuais: como as

fugas, os abortos e os suicídios” (SCHWARCZ, 1996a, p. 24), essas reações caracterizavam a busca por identidade, liberdade e autonomia, ou até, de maneira mais simples e pura, o fim do sofrimento.

Os mesmos “intelectuais” ouvidos para justificar a exploração de um povo por causa de sua cor de pele foram capazes de contar histórias que perduraram como verdades durante muito tempo. Por exemplo, o conceito de que o negro veio passivamente,

Nada mais equívoco do que dizer que o negro *veio* ao Brasil. Ele foi *trazido*. Essa distinção não é acadêmica, mas dolorosamente real e só a partir dela é que se pode tentar estabelecer o caráter que o escravismo tomou aqui: vir pode ocorrer a partir de uma decisão própria, como fruto de opções postas à disposição do imigrante. Ser trazido é algo passivo – como o próprio tempo do verbo – e implica fazer algo contra e a despeito de sua vontade[...] O negro foi, portanto, trazido para exercer o papel da força de trabalho compulsório numa estrutura que estava se organizando em função da grande lavoura. Aqui, não havia muita preocupação em prover o sustento dos produtores, mas em produzir para o mercado (PINSKY, 2011, p. 23, grifos do autor).

Mesmo que o trabalho tenha foco específico no século XIX e no Rio de Janeiro, é importante ressaltar a violência do sistema escravista e reconhecer quanto do racismo estrutural da sociedade atual nasceu e se justifica há séculos de distância. E, apesar de não ter sido criada aqui, a escravidão encontrou nas terras tupiniquins um lugar para se proliferar. Evoluímos em tecnologias, meios de transporte, meios de produção e ainda não evoluímos como sociedade,

A recuperação do passado com vistas à compreensão do presente e à iluminação do futuro – o papel do historiador – passa necessariamente pela constatação das mazelas e violências de que o povo tem sido vítima. É ter sido tratado como mercadoria foi uma das maiores violências perpetradas contra o povo negro (PINSKY, 2011, p. 45).

O povo negro, trazido como mercadoria para o Rio de Janeiro, não é alvo somente da violência física, mas também e, talvez, primeiramente, da violência histórico-cultural já que é retirado de sua nação, proibido de falar sua língua, separado de sua família, destituído de sua cultura e ao chegar aqui, no Brasil, se depara com outras pessoas que também sofreram desse mesmo abuso. Conforme Mary Karasch (2000, p. 36), “o desafio para um escravo no Rio era criar uma vida com sentido em meio a indivíduos díspares que compartilhavam poucos valores, criar um grupo a partir do caos de muitos”. Famílias, culturas e comunidades precisavam ser estruturadas do zero, sem a ancestralidade e os costumes com os quais esse povo foi criado em seu local de origem.

Quando aportavam no Brasil, os escravos eram “catalogados” e diferenciados de acordo com diversos fatores, entre eles origem, cor, domínio do português e relação com o Brasil. A primeira dessas distinções, considerada inclusive no censo de 1849, baseava-se no lugar de nascimento: África ou Brasil,

Uma vez feita essa primeira distinção, os senhores de escravos prosseguiram de forma diferente na classificação de sua “mercadoria”. Eles “separavam” os escravos brasileiros por cor, ao passo que os africanos eram classificados por local de origem, uma vez que, da perspectiva dos senhores, todos os escravos africanos eram “negros” (KARASCH, 2000, p. 36).

Os termos mais utilizados para classificar escravos africanos ou de colônias portuguesas da África eram “negro” e “preto”. Os negros brasileiros preferiam o termo “crioulo”, “uma vez que significava nascimento no Brasil, do qual se orgulhavam” (KARASCH, 2000, p. 37). E, além de designações por cor, os senhores de escravos passaram a diferenciar os escravos de acordo com sua relação com o Brasil:

Assim, as nações brasileiras, que estavam divididas pela cor, incluíam os habitantes originais da terra (botocudos e outros), as populações racialmente mistas de todo Brasil (os cabras), os orgulhosos descendentes de africanos e europeus (os pardos) e os negros nacionalistas nascidos no Brasil (os crioulos) (KARASCH, 2000, p. 40).

O tráfico negreiro no país, do século XVI até o início do século XIX, trouxe quase cinco milhões de africanos escravizados, 42% desse número, vieram de 1800 a 1850,

Releva observar que a maioria esmagadora das entradas de escravizados no último período, 1826-50, mais o número residual da década de 1850 destinaram-se à região do atual Sudeste e ocorreu quando tratados internacionais e legislação nacional haviam tornado ilegal o tráfico negreiro (CHALHOUB, 2012, p. 35).

Com a proibição de entrada de novos escravos se aproximando, o número de novos escravos só cresce, “com a entrada constante e volumosa de cativos, o país transforma-se em um território negro e mestiço, onde trabalho passa a ser sinônimo de escravidão” (SCHWARCZ, 1996a, p. 12). O fim do tráfico negreiro foi decretado pela Lei Eusébio de Queirós, ou Lei nº 581, de 4 de setembro de 1850, que criminalizava quem trouxesse, comprasse ou contrabandeasse escravos para dentro do Brasil. A maioria dessa população estava concentrada no Sudeste, para trabalhar em lavouras de açúcar e café, já que o setor primário foi a base da economia brasileira durante muitos séculos, incluído o século XIX.

O Rio de Janeiro viveu, no fim do século XVIII e início do século XIX, muitas transformações importantes, tanto para a história regional, quanto para a história nacional. Em 1763, tornou-se centro do vice-reino português; no período de 1808 até 1821, foi sede da corte portuguesa e, a partir da Independência proclamada em 7 de setembro de 1822, passou a ser a capital do Império do Brasil. A capital foi

o palco de trabalhos contínuos de fortificação e de obras urbanas. Paralelamente, o avanço da fronteira agrícola — puxado pelas fazendas de café — e o desenvolvimento das comunicações com o interior acarretam a construção e a conservação de estradas, de pontes e de trilhas na interlândia do maior porto brasileiro (ALENCASTRO, 1988, p. 30).

A melhoria da cidade e o grande número de cativos trazidos durante o tráfico negreiro fez com que todos os senhores, que tivessem condições, comprassem ao menos um ou dois escravos para a realização das tarefas da casa (SCHWARCZ, 1996a). Esses escravos urbanos viviam de uma maneira bem diferente dos escravos rurais, aqueles que trabalhavam em lavouras.

Os escravos rurais eram a maioria imensa dos cativos importados para o Brasil, além de trabalhar cargas horárias de trabalho que poderiam chegar até 18 horas por dia. Além disso, tinham possibilidades bem menores de conseguir constituir pecúlio para pagar a indenização a seus senhores e comprar suas cartas de alforria, pois, diferente dos escravos urbanos que poderiam realizar pequenos “serviços para fora”, eles deveriam trabalhar muito e descansar pouco, “no campo, o poder e a autoridade do senhor não possuíam limites” (SCHWARCZ, 1996a, p. 17).

A vida dos escravos domésticos, ou escravos urbanos, era ao lado de seus senhores nas casas-grandes. Suas funções poderiam ser mucamas, pajens, amas-de-leite, amas-secas, cozinheiras, cocheiros, lavadeiras, copeiros e garotos de recado. Esses escravos eram escolhidos por serem melhor apessoados, também recebiam roupas melhores e um tratamento diferenciado, distanciando-se assim da convivência de seus colegas do campo, “dizia uma velha ladainha que ‘negro no eito vira copeiro, não oiá mais pra seu parceiro’, como a lembrar a distância que separava esses escravos dos demais cativos agrícolas” (SCHWARCZ, 1996a, p. 17).

Durante o século XIX, a polícia da Corte realizou diversas prisões de pessoas negras que acreditavam ser ou escravos ou fugitivos. Mas com o passar dos anos, a compra de alforrias e a miscigenação entre os três povos fundadores do Brasil — negros, brancos e indígenas — fez com que as batidas policiais errassem cada vez mais, já que, na década de 1870, a maioria da população negra já era livre. O

historiador e pesquisador Sidney Chalhoub explicita essa mudança nos seguintes dados:

Conforme o censo [1872], a população brasileira somava 9.930.478 habitantes, divididos quanto à condição social, em 8.419.672 livres (84,7%) e 1.510.806 escravos (15,2%). Quanto às raças, havia 38,1% de brancos, 19,6% de pretos, 38,2% de pardos e 3,9% de indígenas. Pretos e pardos somados, incluídos tanto livres e libertos quanto escravos, chegavam a 5.756.234, ou 57,9% da população total. Excluídos os escravos, temos uma população livre de cor de 4.245.428, ou seja, 42,7% dos habitantes do país eram indivíduos livres de cor, logo egressos da escravidão e seus descendentes, pretos e pardos; considerando-se apenas a população negra, 74% dela era livre. No caso específico da cidade do Rio, havia 274.972 habitantes, dos quais 226.033 livres (82,20%) e 48.939 escravos (17,7%). A população negra do Rio – escravos e pessoas livres de cor somados – representava 44,4% do total. Se considerarmos apenas a população negra, 59,9% era livre, 40% escrava; ou seja, em cada cinco pessoas de cor habitantes da Corte em 1872, três eram livres, duas escravas (CHALHOUB, 2012, p. 229).

E o que aconteceu depois da Abolição?

As leis que foram criadas antes do banimento definitivo da exploração do povo negro, assim como a própria carta assinada pela Princesa Isabel, não consideravam o “depois”. A proibição do tráfico negreiro em 1850, só impediu legalmente que mais cativos entrassem no país, mas nada fez em relação aos que aqui estavam. A Lei do Ventre Livre de 1871, apenas libertava os filhos de escravas nascidos a partir dessa data, mas as mães continuavam cativas, logo, os filhos permaneciam sob os cuidados de seus senhores até 21 anos de idade. A Lei dos Sexagenários de 1885 era, possivelmente, a mais sarcástica e cruel de todas já que a expectativa de vida dos escravos dificilmente chegaria a 60 anos e, mesmo que atingissem a idade para serem libertos, já estariam marcados pela tortura e pelos anos de trabalho pesado, constituindo assim um “livramento” para seus antigos donos e não uma “punição”. A própria Abolição da Escravatura apenas proibiu a exploração do povo negro, mas não apresentou subsídios e soluções para a população que foi por gerações explorada e agora integraria uma sociedade que não a considera nem como “gente”, graças a teorias de supremacia branca e ao passado de opressão que era cômodo para os que exerciam o poder.

Com efeito, esse tipo de teoria trazia consigo a possibilidade de naturalizar, com o aval da ciência, diferenças que não eram “da natureza”, mas eram políticas e sociais.

Nesse contexto em que a abolição aparecia como um final por si só e em que os modelos raciais viam os negros como “estrangeiros”, cidadãos de segunda categoria, pouco espaço sobrava para o exercício da cidadania entre os negros (SCHWARCZ, 1996b, p. 162).

A questão não está em desmerecer a importância da assinatura da Lei Áurea e da mobilização da sociedade em si, mas reconhecer que havia muito a ser reconstruído imaterialmente,

A pecha de vagabundos e ociosos, desorganizados social e moralmente, que lhes foi atribuída na visão daqueles que reconstruíram o país após a desmontagem do regime escravista, impede a princípio a interpretação de suas trajetórias sociais enquanto movimentos singulares, vivenciados nos limites do que era possível, mas com base em escolhas e valores próprios.

Muitas vezes, para os homens negros, o sentido da liberdade inscrevia-se em direções dissonantes de um eventual sentido imaginado pelos antigos senhores e por aqueles que pretendiam, na derrocada do escravismo, a solidificação de determinados padrões de vida e de trabalho (WISSENBACH, 1998, p. 53).

O passado de exploração e o intencional apagamento de culturas e histórias fizeram com que restasse apenas a marginalidade para esse povo, “a estrutura da sociedade escravocrata engendrou homens andarilhos, ‘sem vínculos, despojados, a nenhum lugar pertenceram e a toda a parte se acomodaram’” (WISSENBACH, 1998, p. 57). Os conhecimentos até aqui descritos fazem parte de estudos e teorias da área da história e para dar sequência a este trabalho faço da pergunta de pesquisa da professora Marília Conforto (2012, p. 15) uma das minhas dúvidas: “se todos os documentos sobre o cotidiano da escravidão no Brasil tivessem sido queimados, seria possível reconstruir uma história do cotidiano escravo através da literatura?”

A literatura tanto do período da escravidão quanto do período pós-Abolição pode trazer indícios do que a sociedade, ou determinado grupo social, pensava sobre os acontecimentos históricos. Marília Conforto em sua dissertação intitulada *O escravo de papel* descreve os romancistas como

homens com características próprias que vivem imersos nas relações sociais de sua época e essas determinavam profundamente sua literatura. Candido, em *Literatura e Sociedade*, lembra que ‘o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade, mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou editores’ (CONFORTO, 2012, p. 16).

Mesmo que em relação à escravidão as obras não trouxessem escravos como protagonistas, era possível entender mais sobre a hierarquia social no Brasil, dividida principalmente entre senhores e escravos, aqueles “preocupavam-se em tirar da terra, sobretudo via cultivo da cana-de-açúcar, o enriquecimento que não haviam obtido em Portugal” (CONFORTO, 2012, p. 17), estes trabalhavam até a morte.

A visibilidade que era depositada sobre a capital, Rio de Janeiro, estava além da presença da Corte na cidade, mas também na modernidade que essa posição trazia “Os novos modismos, os teatros de maior sucesso, os jornais mais lidos, os cafés mais frequentados, assim como as experiências literárias ocorriam sempre na cidade do Rio de Janeiro” (CONFORTO, 2012, p. 19). Devido o grande consumo de produtos e manifestações culturais europeias, o povo brasileiro estava condicionado a considerar apenas o que vinha do além-mar. A questão também era política, uma vez que o negro era mão de obra no sistema econômico. Isso se reflete também na literatura, já que é um dos produtos da sociedade daquela época, o negro é basicamente ocultado nas obras, “desconsiderado como elemento formador do passado brasileiro. Apenas o índio, ao lado do português, figurava como construtor da nossa nacionalidade” (CONFORTO, 2012, p. 22), quando representado “o negro [...] vinha acompanhado por caracterizações que o definiam como ser inferior” (CONFORTO, 2012, p. 23).

Durante o século XIX no Rio de Janeiro, a escravidão ainda é um traço importante e, parece, a literatura reforçar isso, ainda que já houvesse um contingente considerável de negros livres no Brasil. As marcas dessa desvalorização moldaram a vida em comunidade que encontramos nas obras de autores do período e, infelizmente, nos deparamos atualmente. Cultura, história, economia e literatura evidenciam como o “uso do cativo era imprescindível à exploração da lavoura extensiva, e o binômio escravidão/sistema agroexportador determinou a posição das camadas sociais e as relações entre senhores de escravos” (CONFORTO, 2012, p. 23).

3 MACHADO DE ASSIS E A ESCRAVIDÃO

Joaquim Maria Machado de Assis, Machado de Assis³, nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro, filho de Francisco José de Assis e da portuguesa Maria Leopoldina Machado de Assis. Seu pai era brasileiro mulato, pintor e dourador de paredes; sua mãe era portuguesa de origem açoriana e provavelmente prestava serviços de costura onde moravam, na Quinta do Livramento, situada no alto do morro de mesmo nome, perto da zona portuária.

Em 1849, Machado perde a mãe vítima da tuberculose. E nos anos que se seguem, pouco os biógrafos têm certeza acerca de sua infância e muitas narrativas diferentes e fantasiosas foram criadas, segundo Valentim Faccioli (1982, p. 15) “o período de 1850 a 1854 apresenta uma lacuna quase total na biografia de Machado de Assis. Não poucas vezes essa lacuna foi para preenchida com suposições provenientes de matéria ficcional”. Machado de Assis é autodidata em muitos aspectos, quanto à educação formal, “Não está comprovado que o menino Joaquim Maria tenha frequentado escolas. É possível que sim, irregularmente, sem que disso ficasse documento” (FACIOLI, 1982, p. 15).

A partir de 1854, começa a trabalhar na tipografia de Paula Brito e publica poemas no jornal *Marmota Fluminense*; dois anos depois, é admitido como tipógrafo na Imprensa Nacional, exercendo o ofício até 1858, ano em que passa a colaborar com textos nos jornais *O Paraíba* e *Correio Mercantil*. No ano seguinte, colabora com a revista *O Espelho* inclusive, fazendo crítica teatral. “A convite de Quintino Bocaiuva, passa a colaborar, sob vários pseudônimos, no liberal *Diário do Rio de Janeiro*, no qual, além de crítico de teatro, será cronista parlamentar, junto ao Senado do Império; colabora também na *Semana Ilustrada*” (SENNA, 2008b, p. XXXVI). Em 1862, assume o cargo de censor teatral no Conservatório Dramático Brasileiro, cabendo-lhe aprovar ou não a encenação de peças em teatros cariocas.

No ano de 1863, passa a publicar no *Jornal das Famílias*, periódico no qual serão publicados diversos de seus contos. Publica sua primeira obra como dramaturgo, *Teatro de Machado de Assis*, volume composto pelas comédias “O protocolo” e “O Caminho da Porta”. No ano seguinte, 1864, publica seu primeiro livro de versos, *Crisálidas*. Casa-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, na capela

³ Os dados biográficos de Machado de Assis apresentados no texto são baseados nas cronologias dos seguintes estudos: SENNA (2008b) e KASPARI (2019).

particular da casa do Conde de São Mamede, no Cosme Velho, no ano de 1869. Nesse mesmo ano, assina, com a editora Garnier, contrato para a edição do livro de poemas *Falenas* e de *Contos Fluminenses*, sua primeira coletânea de contos (SENNA, 2008b).

Seu primeiro romance, o livro *Ressureição*, é publicado em 1872. No ano seguinte, publica *Histórias da Meia-noite*, seu segundo livro de contos, e *Notícia da atual Literatura Brasileira: Instinto de Nacionalidade*, talvez o mais importante de seus ensaios críticos (SENNA, 2008b, p. XXXVII); passa a trabalhar na Secretaria do Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, “órgão que se ocupava justamente da política de terras e do acompanhamento da aplicação da Lei do Ventre Livre, e que chegou a ser dirigido pelo escritor” (DUARTE, 2009, p. 10).

Machado de Assis, além de escritor, trabalhou muitos anos como funcionário público. No século XIX, como nos dias de hoje, é difícil viver de publicações, “por isso, muitos escritores buscavam no serviço público a garantia do sustento que lhes proporcionava a segurança necessária para, sem maiores preocupações financeiras, poderem produzir suas obras” (TRÍPOLI, 2006, p. 85).

Trabalhando na Secretaria do Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, o funcionário público Machado de Assis era responsável por garantir a execução da lei de 28 de setembro de 1871 que, além de garantir que escravos que conseguissem constituir pecúlio pudessem comprar sua carta de alforria (MENDONÇA, 1996), era conhecida como Lei do Ventre Livre e garantia que os escravos nascidos a partir dessa data fossem considerados libertos a partir dos 21 anos. Para isso era necessário cadastrar os escravos para que o governo tivesse ciência da sua data de nascimento, “o primeiro desafio era realizar a matrícula de todos os escravos existentes no Império, conforme exigido no artigo oitavo” (CHALHOUB, 2003, p. 206).

Ao registrar os escravos, o governo passava a interferir mais fortemente na relação entre escravos e senhores, comprometendo assim, “as bases tradicionais da instituição da escravidão” (CHALHOUB, 2003, p. 226). Porém, como um dos meios de registrar as crianças filhas de mãe escravas, mas livres por nascimento, era através da certidão de batismo, logo ficou evidente mais uma falha nessa lei, pois os padres não tinham como saber a idade da criança que estavam batizando, segundo Chalhoub (2003, p. 269),

Alguns padres queriam saber como verificar a data precisa de nascimento dos indivíduos levados à pia batismal. Ou seja, não tinham como detectar possíveis fraudes de senhores que para, escapar aos efeitos da lei, declarassem o nascimento de filhos de suas escravas em datas anteriores a 28 de setembro de 1871.

No ano de 1874, publica seu segundo romance *A mão e a luva* e, no ano seguinte, seu terceiro livro de poesia, *Americanas*. Em 1876, publica seu terceiro romance, intitulado *Helena* e “a partir de meados de 1876, passou a chefiar a seção desse Ministério encarregada de estudar e acompanhar a aplicação da lei da emancipação” (CHALHOUB, 2003, p. 138). Dois anos depois, publica seu quarto romance, *Iaiá Garcia*, e por motivo de doença, parte para Friburgo, onde fica até março de 1879.

Em 1881, publica o seu quinto romance, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que revolucionou a literatura brasileira; neste mesmo ano, ocupa a função de oficial de gabinete do Ministro da Agricultura (SENNA, 2008b, p. XXXVIII). No ano seguinte, publica a coletânea de contos *Papéis Avulsos* e, dois anos depois, muda-se com Carolina para a Rua Cosme Velho, número 18, onde viveram até a morte de ambos. Também em 1884, publica a coletânea de contos de *Histórias sem data*.

No ano de 1888, data da Abolição da Escravatura, é nomeado, por decreto imperial, oficial da Ordem da Rosa. Machado de Assis não fala abertamente sobre o tema. No ano seguinte, quando ocorre a Proclamação da República, passa a ocupar uma diretoria na Secretaria de Estado da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; também não se manifesta sobre a Proclamação.

Em 1891, publica o romance *Quincas Borba*, cinco anos depois, a coletânea de contos *Várias Histórias*. O ano de 1897 marcado pela fundação da Academia Brasileira de Letras, que Machado presidiu por mais de uma década. No ano de 1899, publica o romance *Dom Casmurro* e a coletânea de contos *Páginas Recolhidas*. Em 1904, no dia 20 de outubro, morre sua esposa, dias antes de completarem 35 anos de casados. Publica o romance *Esaú e Jacó*. Dois anos depois, em 1906, publica a coletânea *Relíquias de Casa Velha*, da qual constam, além dos contos propriamente ditos, seu mais famoso soneto, “A Carolina”, dedicado à mulher já falecida (SENNA, 2008b, p. XL). Em 1908, publica seu último romance, *Memorial de Aires*; e, na madrugada de 29 de setembro, Machado de Assis falece, aos 69 anos de idade, em sua casa e é enterrado na sepultura de Carolina, no cemitério de São João Batista.

Machado de Assis era negro e de origem humilde, Jean-Michel Massa, em seu livro *A juventude de Machado de Assis* (1971) discorre sobre a ascendência do escritor,

Por sua ascendência brasileira tanto quanto pela açoriana, Machado de Assis descende de pessoas de condição humilde, bastante humilde, que se remonta a duas ou três gerações. Do lado paterno, é ele bisneto de escravos, mas bisneto de escravo liberto e neto e filho de homens livres. Do lado materno, é bisneto e neto e filho de homens livres. (apud FACIOLI, 1982, p. 14).

A relação do escritor com a pobreza, com a escravidão e até mesmo sobre sua doença nervosa, foi em muitos momentos citada por biógrafos para justificar o sucesso e a mobilização provocada pela obra machadiana. Mailde Trípoli, em sua obra *Imagens, Márcaras e Mitos*, também comenta sobre essa tendência, apoiada em estudos de Antonio Candido,

como escreve Antonio Candido (1977, p. 17), 'os críticos que estudaram Machado de Assis, nunca deixaram de inventariar e realçar as causas eventuais de tormento, social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa'.

Isso para colocá-lo no rol dos grandes escritores, tais como Dostoiévski, Dickens e Proust. Todos com pesada cota de sofrimento a diferir dos simples mortais e a conferir-lhes genialidade. No caso de Machado de Assis, concordamos com Antonio Candido e Jean-Michel Massa, quando afirmam ser essa uma tendência exagerada (TRÍPOLI, 2006, p. 83).

Um escritor com a visibilidade e a qualidade de Joaquim Maria Machado de Assis desperta comentários e críticas tanto de estudiosos que acreditam e apreciam em seu trabalho e sua vida pública, como é o caso de Eduardo de Assis Duarte no trecho abaixo, quanto de escritores que encontram pontos para criticar e problematizar, como é o caso da fortuna crítica que será apresentada no subcapítulo seguinte.

À trajetória do cidadão agrega-se o sucesso do escritor perante um público que, em sua maioria, estava longe de situar-se entre as classes populares. Desse modo, sua biografia mostra a ascensão de um afrodescendente, vindo das margens da estrutura social, para se aproximar da elite de seu tempo: imprensa, literatura, máquina governamental. Alguns desafetos atacaram esse "aburguesamento", que, para eles, corresponderia à assunção das práticas sociais e literárias dominantes. Afirmou-se, inclusive, que o uso de barba e bigode, quase obrigatório entre os homens de seu tempo, teria como objetivo o disfarce dos traços negróides. Isto sem falar dos polêmicos retoques para clarear a pele nos estúdios dos fotógrafos da época. Tais lugares-comuns, somados à ausência de um herói negro em seus romances, fundamentam em grande medida a tese do propolado absentismo machadiano quanto à escravidão e às relações interétnicas existentes no Brasil do século XIX (DUARTE, 2009, p. 8).

3.1 Críticos da obra machadiana

Como já dito anteriormente, um cidadão com as atribuições de Machado de Assis, escritor de romances, contos, crônicas, poesias, peças teatrais, censor de teatro, funcionário público, fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras, tradutor de importantes obras estrangeiras, desperta a atenção e motiva o trabalho de muitos biógrafos e pesquisadores, segundo Jean-Michel Massa, até 1957, José Galante de Sousa havia listado mais de 1850 títulos. Em 1958, por ocasião dos 50 anos de sua morte, acresciam-se a esse número mais 800 títulos” (TRÍPOLI, 2006, p. 86). A morte desse escritor, conforme pontuado por Jean-Michel Massa (1971, p.17), apenas serviu como um impulsionador para que mais trabalhos fossem feitos sobre Assis, “Não era mais o romancista que explicava os seus personagens, mas os personagens que explicavam o romancista. O criador se tornava filho de suas criaturas” (apud TRÍPOLI, 2006, p. 86).

Esses estudos e biografias apontavam desde os pontos mais positivos em sua vida e obra, até os aspectos mais discordantes, já que além de considerarem sua carreira, levavam em consideração sua produção. Segundo Trípoli (2006, p. 87), “os estudos sobre Machado de Assis tiveram diversas faces, com cada estudioso destacando-lhe características, aspectos, facetas, muitas vezes contraditórias entre si, mas nem por isso menos verdadeiras”, entretanto, também se pecou pelo excesso quando esses pesquisadores tentavam explicar a vida do escritor a partir de sua ficção, como se fosse um documento.

A falta de personagens negros protagonistas em suas obras e a ausência de discurso abertamente abolicionista são os fatores principais para as críticas de biógrafos sobre Machado de Assis. Para exemplificar essas críticas, traremos comentários de três estudiosos da área da literatura, contemporâneos a Machado - Afrânio Coutinho, Mário de Andrade e José do Patrocínio - e um estudioso, escritor e defensor da causa negra, posterior a Machado, Ironides Rodrigues.

Afrânio Coutinho, nascido em 1911, professor, crítico literário e ensaísta, em seu texto “Machado de Assis e o problema do mestiço” criticou Machado declarando que o escritor tenha um “complexo de superioridade”, dentre outras alegações,

O autor de *Helena* foi um caso típico de ressentimento mulato. A sua psicologia de mestiço de origem humilde [...] aparentemente tímido, no fundo era um grande orgulhoso, cujo complexo de superioridade, cuja mágoa, cujo ressentimento, se traduziram pela arte (COUTINHO, 1940, p. 28).

Mário de Andrade, nascido em 1893, poeta, crítico literário, escritor, ensaísta e músico, em seu livro *Aspectos da Literatura Brasileira* interpretou as características do texto machadiano como maneiras de ocultar “possíveis defeitos”,

Eu sei que o mestre se imaginou desgraçado. O seu pessimismo, o seu humorismo, a sua obra toda; o cuidado com que, na vida, procurou ocultar os seus possíveis defeitos, as suas origens, os elementos da sua formação intelectual [...]. Mas Machado de Assis foi vitorioso [...] venceu as próprias origens [...], venceu o mestiço [...]. Foi anti-mulato, no conceito que então se fazia de mulatismo (ANDRADE, 1974, p. 102-104).

José do Patrocínio, nascido em 1853, escritor, jornalista, farmacêutico e político, denunciou o silêncio e a indiferença de Machado,

O país inteiro estremece; um fluído novo e forte, capaz de arrebatara alma nacional, atravessa os sertões, entra pelas cidades, abala as consciências... Só um homem, em todo o Brasil e fora dele, passa indiferente por todo esse clamor e essa tempestade... Esse homem é o Sr. Machado de Assis. Odeiem-no porque odeia a sua raça, a sua pátria, o seu povo (apud MEYER, 2005, p. 39).

Ironides Rodrigues, nascido em 1923, jornalista, dramaturgo, crítico e ativista negro, em seu texto “Introdução à Literatura Afro-Brasileira”, condena o posicionamento de Machado de Assis “à margem” dos movimentos sociais,

[Machado] exprimia-se como um escritor branco que não sentisse o mínimo de sangue negro correndo em seu coração. É o patrono da Academia Brasileira de Letras, numa prova de sua branquitude de inspiração, ficando à margem e pouco se preocupando com movimentos sociais do seu tempo, como Abolição e a República (RODRIGUES, 1997, p. 259).

Essas quatro manifestações, válidas, porém equivocadas, de críticos e teóricos da literatura brasileira adensam a camada de pesquisadores descontentes com o posicionamento de Machado de Assis como escritor com visibilidade nacional e internacional. Segundo Duarte, integram parte da fortuna crítica que

cristalizou a imagem do cidadão omissor e do homem de letras denegador de suas origens nas atitudes, na escrita e no pensamento. Contudo, leituras mais rigorosas, como as de Magalhães Júnior, Roberto Schwarz, John Gledson, Sidney Chalhoub, entre outros, vêm sendo feitas e polemizam com o suposto “alheamento” ou “absenteísmo” da obra machadiana (DUARTE, 2009, p. 9).

Antes de concluir minhas considerações sobre o tema segue, abaixo, parte do discurso que Rui Barbosa, escritor e sucessor de Machado de Assis na presidência da Academia Brasileira de Letras, leu no velório do amigo:

Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é um mágico do conto; não é o joalheiro do verso, um exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom“ (BARBOSA, 2019, p.46).

Se a infância de Machado de Assis não foi difícil foi, ao menos, conturbada. Vivia com a família como agregados em um território humilde. Muito jovem perdeu a mãe, a irmã e o pai, além disso, era bisneto de escravo e neto de pretos forros. Não se tem registro de que tenha frequentado a escola regular, mas, mesmo assim, se tornou um ótimo profissional e um escritor de visibilidade mundial. Conforme Trípoli (2006, p. 137), “nasceu em um meio humilde, mas desde criança conviveu com a elite senhorial. Aprendeu muita coisa nos dois meios, o que certamente lhe permitia uma visão privilegiada da sociedade brasileira”.

É contemporâneo ao período da escravidão e das principais mudanças na sociedade brasileira e podemos encontrar manifestações sobre esses temas em muitas de suas obras, sejam jornalísticas ou ficcionais, como alegorias ou detalhes minuciosos. Os temas presentes nas obras de Machado de Assis são atemporais, exaltam o ser humano e combatem qualquer tipo de violência ou opressão, logo,

É difícil, portanto, imaginar ou aceitar alguém afirmando que Machado se omitia a respeito da escravidão ou que evitava falar dela para não chamar a atenção sobre a própria cor e garantir sua ascensão social (como se o silêncio impedisse a visão). No entanto, isso foi escrito e se tornou uma verdade repetida por muitos de seus biógrafos e estudiosos (TRÍPOLI, 2006, p. 138).

Provavelmente, o motivo pelo qual surgiram as críticas à suposta falta de posicionamento machadiano seja a sua importância como escritor. Um garoto pobre, descendente de escravo e órfão se tornou e ainda é referência para escritores e pesquisadores. Seus textos ainda são lidos com muita avidéz e interesse em jogar o jogo do texto com Machado.

A trajetória e as obras de Machado de Assis mostram que sua origem não foi barreira para sua capacidade e determinação. O sofrimento e as mazelas por que passou eram naturais de qualquer ser humano dentro de sua realidade. A evolução e o passar dos anos ainda não lograram livrar o homem de tais problemas. Seu sucesso foi graças a mérito e empenho próprios. Se era mulato e, apesar do cientificismo racista e dos preconceitos que imperavam no seu tempo, realizou sua obra, fez sua crítica e foi o escritor que foi. Essa é a perspectiva que deveria prevalecer: a valorização e a diferença do escritor fundamentadas no valor de seu produto – a literatura no âmbito universal –, ou seja, o valor literário (TRÍPOLI, 2006, p. 140).

3.1.1 Afinal, de que “tempo” Machado de Assis é?

Para entender melhor quem era e o que pretendia Machado de Assis, é preciso relembrar a importância da Estética da Recepção para a concepção do imaginário do cidadão e do escritor. O contexto sócio-histórico-cultural em que o escritor esteve inserido durante sua vida, possivelmente, contribuiu com a forma em que o Machado leitor “lia” o mundo e, também, com a forma em que o Machado escritor constituiu a ficção em sua obra. Para considerar o momento de produção do autor, Mailde Trípoli apresenta os seguintes dados:

Machado nasceu em 1839, o tempo, na maioria de sua obra, abrange 1840 a 1900, período em que se sucederam muitos acontecimentos marcantes e definitivos para a história do país: o fim da Regência, a maioridade de Dom Pedro II, a extinção do tráfico negreiro, a intensificação do movimento abolicionista, a abolição dos escravos, a Proclamação da República. Na agricultura, a ascensão do café; no meio urbano, a criação dos bancos, a abertura das estradas, a imigração. Em resumo, um fluxo em movimento rumo à modernidade ‘civilizadora’ europeia (TRÍPOLI, 2006, p. 88).

A influência de todas essas mudanças na organização social está inscrita nas manifestações culturais do período, “na literatura então produzida, inscreveram-se paradoxalmente o repúdio aos remanescentes da dominação colonial e aceitação subserviente de padrões calcados na excelência da civilização da Europa” (GOMES, 2009, p. 147). A violência e as marcas deixadas pela escravidão não foram omitidas na literatura, “mas sua voz e ação, muitas vezes, quando não apagadas, foram tolhidas, distorcidas ou mascaradas (TRÍPOLI, 2006, p. 15)”.

Como visto anteriormente, Machado foi criticado pela falta de protestos em suas obras contra a escravidão ou contra a violência sofrida pelos não-brancos no Brasil, alguns pesquisadores da fortuna crítica acreditam que “o autor, envergonhado de sua origem, faz o possível para escondê-la, sendo um de seus recursos sequer mencionar o assunto. Negros e mulatos não teriam espaço em suas obras (TRÍPOLI, 2006, p. 89)”. Para iniciar a defesa do escritor serão descritas, nesse capítulo, duas situações, externas ao universo literário machadiano, em que Assis lutou e defendeu melhores condições para seus irmãos de cor: suas publicações de crônicas e sua participação na Abolição da Escravatura. E, por fim, é claro, falaremos sobre a presença da crítica e repúdio à violência de raça em suas obras literárias.

Como funcionário público, Machado de Assis intercedeu em muitos processos de escravos e manteve-se firme na luta pela libertação desse povo, mesmo sabendo das falhas e brechas da lei. A percepção e o descontentamento de Assis diante dessas

falhas se faz visível nas crônicas⁴ “Bons Dias!”, que foram publicadas no período de 5 de abril de 1888 até 28 de agosto de 1889. Consideraremos duas delas, a de 19 de abril de 1888 e a de 19 de maio de 1888, seis dias depois da abolição.

Na crônica de 19 de abril de 1888, Machado de Assis dá voz ao narrador Policarpo, que, preparando-se para ir votar, reclama da política e da falta de educação das pessoas da cidade em relação à “boa criação” das pessoas do campo. Entre outros assuntos, fala do episódio em que um acionista do Banco Predial, Sr. José Luís Fernandes Vilela, em uma reunião para tratar dos escravos hipotecados lá, se pronuncia dizendo que não há mais escravos no país e é respondido com “Uma mensagem assinada por cerca de 600.000 pessoas” (ASSIS, 2008c, p. 93), solicitando que o acionista retificasse seu discurso já que ainda existem sim, escravos, e eles o são. A mensagem dizia o seguinte:

As palavras do Sr. Fernandes Vilela podem ser entendidas de dois modos, conforme o ouvinte ou o leitor trouxerem uma enxada às costas, ou um guarda-chuva debaixo do braço. Vendo as coisas, de guarda-chuva, fica-se com uma impressão; De enxada, a impressão é diferente (ASSIS, 2008c, p. 93).

Machado de Assis, dessa forma, “esgarça bem mais a imagem de cativos conscientes de seus interesses de classe, servindo de intróito à abordagem da atuação de escravos, libertos e seus descendentes para explorar as possibilidades abertas pela lei de 1871” (CHALHOUB, 2003, p. 240), e conclui a crônica revelando o resultado das eleições. O narrador desse texto, antes de apresentar a mensagem assinada pelas 600.000 pessoas, diz que a filosofia presente nela “não parece de preto”, a piada aqui aponta o racismo colocando o dedo na ferida e, segundo Chalhoub,

de fato, na piadinha de Machado, os “pretos” escravizados no país em abril de 1888 interpretam a sua condição recorrendo a linguagem e metáfora próprias, pertinentes a uma determinada cultura de classe. Visto de enxada às costas, o mundo é diferente do que parece a quem carrega guarda-chuva debaixo do braço (CHALHOUB, 2003, p. 241).

A segunda dessas crônicas, publicada em 19 de maio de 1888, seis dias depois da abolição, fala da alforria de Pancrácio. O narrador dessa crônica diz ser profeta, mas “profeta de gato morto” e diz ter previsto a abolição que ocorreu no dia 13 de maio, já que antes dos debates ele decidiu por dar um banquete para alforriar o

⁴ O narrador das crônicas machadianas não é o próprio Machado de Assis, como é característico ao gênero, mas sim, pseudônimos e narradores criados pelo autor.

molecote Pancrácio que contava já 18 anos. O garoto ficou realizado e agradeceu aos pés de seu ex-senhor. Os amigos que estavam no jantar também se emocionaram com a situação. Entretanto, nas ações citadas sobre os dias seguintes, relata que ainda exercia poder e praticava atos de violência contra o garoto,

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu que lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos (ASSIS, 2008d, p. 110).

Ao final do texto o narrador diz ter interesse de concorrer a deputado e que uma de suas falas de campanha mencionará seu caráter visionário no trato com os escravos. Essa crônica, de caráter divertido, ajuda a compreender de que maneira Machado “percebia a abolição da escravidão como uma questão muito relativa, pois o que estaria ocorrendo era simplesmente a passagem de um tipo de relacionamento social e econômico injusto e opressivo para outro” (CHALHOUB, 2011, 118).

Ao considerar o conteúdo e as análises possíveis das duas crônicas já mencionadas, pode-se lançar um pouco mais de luz sobre as razões do silêncio de Machado de Assis na vida pessoal acerca da escravidão. Essas narrativas, conforme define Gledson, “são textos de contundente sarcasmo, que assumem uma visão pessimista – pode-se imaginar que seriam chamadas de cínicas e negativas – sobre a abolição (entre outras coisas)” (GLEDSON, 1986, p. 117).

De fato, não é apenas o narrador da crônica que prevê o futuro e previu a Abolição, Machado de Assis também parece ter previsto e, de acordo com Gledson, não é “coincidência, que Machado tenha decidido iniciar sua série no momento em que teve certeza de que haveria a completa abolição. Claro, nem todas as crônicas abordam a escravidão, ou sequer acontecimentos políticos de maneira geral” (GLEDSON, 1986, p. 118). Outra questão que aproxima criador e criatura é o pessimismo em relação à efetividade da abolição e, de novo, “será que ele percebeu isso desde o início? Ou seja, se suspeitaria já que o fim da escravidão não traria as mudanças mais fundamentais desejadas pelos abolicionistas mais otimistas ...” (GLEDSON, 1986, p. 118).

Além do posicionamento do escritor de crônicas e do funcionário público Machado de Assis, acredito que um aspecto crucial para a derrubada da imagem do escritor alheio e envergonhado de sua cor e suas origens é a presença de Machado na missa da Abolição. Para a pesquisadora Renata Moraes, essa aparição é lembrada

usando a palavra “delírio”, em alusão ao que o próprio escritor disse sobre aquele dia em uma crônica escrita anos mais tarde “Foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto” (ASSIS, 1893, p. 1),

Se os relatos sobre a abolição tratam sempre de um “delírio” machadiano, nem sempre abordam as diferentes funções desse literato para o processo, tendo sido funcionário público desde 1873, cargo em que atuou pela liberdade dos escravos, e, em 1888, também um intérprete da abolição, através das crônicas e poesias. (MORAES, 2018, p. 34).

A missa que aconteceu no campo de São Cristóvão, no dia 17 de maio de 1888, foi o evento que iniciou os festejos pela Abolição, mesmo que a Igreja católica não tenha se manifestado abolicionista em nenhum momento. Considerando o caráter simbólico da situação, homens negros e brancos não estariam mais diferenciados nem perante a lei, nem perante Deus. Segundo Moraes (2018, p. 36), “a celebração inicial dava o tom do que deveriam ser esses festejos: uma irmandade entre diferentes sujeitos que não mais teriam a escravidão para diferenciá-los”.

No ano de 2015, 127 anos depois da Abolição, Machado de Assis foi identificado em uma imagem que pertence à Coleção Dom João de Orleans e Bragança, por um estudo em conjunto que envolveu pesquisadores do Instituto Moreira Salles e da Biblioteca Nacional. Um dos especialistas que participou da identificação foi Eduardo Assis Duarte, pesquisador de Machado de Assis e autor do livro *Machado de Assis: afrodescendente*. Eduardo Duarte afirma que a atitude do escritor de se esconder atrás de um senhor, mas também projetar seu rosto para frente, para aparecer no retrato, condiz com o jeito “encolhido e de caramujo” de Machado. Segundo Moraes, a fotografia e a missa representam

a base de construção do futuro planejado para o Império brasileiro. Nesse futuro, os homens das letras tinham um papel fundamental porque era através deles que todo o sentido daquele momento seria sintetizado. Machado de Assis durante os dias de festa e nos anos seguintes até 1908, ano da sua morte, não deixará de escrever sobre a Abolição e o tempo da escravidão. (MORAES, 2018, p. 39).

A seguir, trago dois recortes da imagem original feita por Antonio Luiz Ferreira. A primeira imagem (Fotografia 1) enquadra a princesa Isabel e algumas das personalidades que estavam presente e a segunda (Fotografia 2) é um recorte que evidencia a presença de Machado de Assis, abaixo, uma imagem (Fotografia 3) do autor para comparação.

Fotografia 1 - Recorte da Missa Campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura



FONTE: Antonio Luiz Ferreira (1888a)

Fotografia 2 - Recorte da Missa Campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura em que aparece Machado de Assis



FONTE: Antonio Luiz Ferreira (1888b)

Fotografia 3 - Machado de Assis



FONTE: <http://machado.mec.gov.br/templates/machado/img/machado.png>

Anos depois, no aniversário dessa data tão importante, Machado de Assis lamentou em uma crônica a maneira com que as celebrações dos anos seguintes trataram a Abolição. Sem considerar a importância dos abolicionistas ou tentando criar sentidos que não cabiam para a situação, o autor chegou a comparar esse apagamento com o que acontecia no aniversário da Independência. Conforme Moraes (2018, p. 50), o autor associou “as novas comemorações do 13 de maio às festas da Independência, que já haviam caído no esquecimento e não possuíam mais a força e a importância que tiveram em sua infância”.

A tristeza do literato e a falta de flores se ligavam, portanto, à indiferença em relação à festa, que o entristecia e causava má digestão. Ao escrever a crônica em 1893, percebe que as celebrações que testemunhara nos cinco aniversários da Abolição não foram suficientes para satisfazer a sua vontade de festejar a data. As festas das suas lembranças, que deveriam ser modelo para as dos anos seguintes, não haviam durado além daquele dia de delírio de 1888. A República, de fato, parecia não perpetuar os sentidos da data, muito menos o Sol da liberdade vivido por ele naquele dia da abolição (MORAES, 2018, p. 51).

Por último, em relação aos textos literários, Machado de Assis não é categórico em nada, aborda o tema da escravidão sem polemizá-lo, assim, promovendo a reflexão sobre essa relação social. O autor vale-se da potencialidade linguística para solidificar a sua crítica e interpela a ação ativa do leitor de suas obras,

jogando tanto com as ambiguidades e múltiplas faces do sistema social quanto com as camadas de sentido da linguagem, cuja polissemia exploram.

Quer explícita, quer implicitamente, eles insinuam um questionamento sobre a linguagem literária em si, apelando ludicamente para argúcia do leitor, por meio do uso de contradições e paradoxos e da inserção de provocadoras alegorias (GOMES, 2009, p. 152).

Os narradores machadianos, por sua vez, valem-se do discurso irônico para expor os problemas da sociedade e acerca deles criar suas narrativas (GOMES, 2009). A pesquisadora Mailde Trípoli define esse modo de discurso como um “dizer sem falar” (TRÍPOLI, 2006, p. 90). Para compreender as críticas presentes em suas narrativas é preciso considerar o pequeno universo de suas personagens e ampliá-lo. Aplicar as metáforas e alegorias utilizadas pelo autor na realidade e, ao mesmo tempo, interpretar os detalhes que, num primeiro momento, parecem aleatórios. As características do fazer literário de Machado de Assis, descritas pela pesquisadora Heloísa Gomes, fazem novamente menção à importância do protagonismo leitor na leitura da obra machadiana, segundo ela,

A ironia, observa Orlandi, “não está no meu locutor, não estava ouvinte, não está no texto: está na relação que se estabelece entre os três” (1986, p. 84). A leitura de Machado será, pois, instigante, se atentarmos para o peculiar elo tecido entre os três elementos correspondentes – narrador, leitor e texto -, tendo sempre em mente a atitude de “saudável desconfiança em relação ao narrador”, recomendada por John Gledson (1986, p. 229) em seu estudo da ficção machadiana (GOMES, 2009, p. 200).

Não há, na obra de Machado de Assis, nenhuma evidência de que o escritor tivesse vergonha da sua cor, ou que concordasse com a violência imposta ao povo negro, entretanto, “a forma dissimulada, homeopática, com que vai introduzindo a questão étnica e a crítica ao escravismo foi vista como absenteísmo e denegação de suas origens” (DUARTE, 2009, p. 252). Já em relação à falta de críticas explícitas ao regime escravista, sabe-se que “Machado nunca opta pelo confronto aberto” (DUARTE, 2009, p. 253). O autor representa o negro e o escravo em suas obras sem torná-lo herói e sem carregá-lo de adjetivos miseráveis, apresentando a condição de oprimido do escravo como ser humano, “a seu modo, desnuda a realidade senhorial e revela uma sociedade em que a condição econômica define o indivíduo, determina sua exclusão ou aceitação” (TRÍPOLI, 2006, p. 118), e da mesma forma, segundo Gomes, Machado de Assis constitui sua crítica

Recusando fazer de si o árbitro da justiça e da verdade, enfrentando corajosamente problemas contemporâneos muito complexos, o discurso irônico se abriu também para outras épocas. Situando-se em espaço e tempo determinados, não resultou em um produto da tarde, mas estimulou e estimula renovadas leituras cujas fecundas possibilidades esperamos ter sugerido (GOMES, 2009, p. 208).

3.2 Personagens negros e escravos da obra

Neste subcapítulo, estão apresentados os resultados obtidos em quadros quantitativos das menções ao povo negro e escravo, e ao regime escravocrata em si, na obra machadiana. Foram analisadas apenas as obras ficcionais escritas em prosa, logo, os quadros apresentam uma relação dessas menções em romance e contos. O objetivo dessa busca é, basicamente, tornar visível a forma com que negros e negras escravizados aparecem nas narrativas escritas por Machado de Assis.

ROMANCES:

- *Ressurreição* (1872):

Quadro 1 - Menções do romance *Ressurreição*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	2	“as escravidões sociais”	X / A ENFERMA
		“sua escravidão”	XIV / OU CAPÍTULO DO ACASO
ES CRAVO	9	“um escravo apareceu no terraço”	VI / DECLARAÇÃO
		“quando o escravo voltou”	VI / DECLARAÇÃO
		“O escravo voltou.”	VI / DECLARAÇÃO
		“O escravo saiu.”	VI / DECLARAÇÃO
		“entrou um escravo”	IX / LUTA
		“Um escravo”	XX / UMA VOZ MISTERIOSA
		“O escravo”	XX / UMA VOZ MISTERIOSA
		“o escravo”	XXII / A CARTA
		“ao escravo”	XXII / A CARTA
NEGRO	0	-	-
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborada pela autora

- *A mão e a luva* (1874):

Quadro 2 - Menções do romance *A mão e a luva*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	1	“o escravo lhe trouxe”	II / UM ROUPÃO
NEGRO	0	-	-

PRETO	0	-	-
ES CRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborada pela autora

- *Helena* (1876):

Quadro 3 - Menções do romance *Helena*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	2	“essa escravidão”	VI
		“dos escravos”	XV
ES CRAVO	26	“escravos”	IV
		“Um escravo”	VI
		“escravo”	VI
		“dois escravos”	VII
		“o escravo”	IX
		“ao escravo”	XIII
		“ao escravo”	XIII
		“escravo”	XIV
		“um escravo”	XVI
		“Os escravos”	XVII
		“Um escravo”	XVII
		“O escravo”	XVII
		“o escravo saiu”	XVII
		“o único escravo”	XX
		“um escravo”	XXI
		“daquele escravo”	XXI
		“os escravos”	XXII
		“dos escravos”	XXII
		“em seu escravo”	XXIV
		“o escravo”	XXIV
		“o escravo”	XXIV
		“do escravo”	XXIV
		“um escravo”	XXIV
“do escravo”	XXIV		
“do escravo”	XXIV		
“Um escravo”	XXVIII		
NEGRO	0	-	-
PRETO	7	“Vê aquele preto”	VI
		“O preto”	VI
		“O preto”	VI
		“o preto”	VI
		“aquele preto”	VI
		“o preto”	VI
		“o preto”	XI
ES CRAVA	2	“Uma escrava do colégio”	XXVI
		“a escrava intermediária”	XXVI
NEGRA	0	-	-

PRETA	1	“uma preta velha”	XXI
--------------	---	-------------------	-----

FONTE: Elaborada pela autora

- *Iaiá Garcia* (1878):

Quadro 4 - Menções do romance *Iaiá Garcia*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	7	“Era escravo e livre”	PRIMEIRO
		“do escravo”	PRIMEIRO
		“do escravo”	PRIMEIRO
		“antigo escravo”	PRIMEIRO
		“riso do escravo”	PRIMEIRO
		“do escravo”	II
		“do escravo”	IX
NEGRO	0	-	-
PRETO	10	“o preto Raimundo”	PRIMEIRO
		“um preto”	PRIMEIRO
		“o preto”	PRIMEIRO
		“O canto do preto”	PRIMEIRO
		“o preto”	PRIMEIRO
		“para o preto”	PRIMEIRO
		“E o preto”	PRIMEIRO
		“do preto”	XVI
		“do preto”	XVI
“o preto”	XVII		
ES CRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborada pela autora

- *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881): são mencionados vários escravos, apenas Prudêncio é nomeado, escravo que depois de livre passa a ter escravos.

Quadro 5 - Menções do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	8	“um escravo”	XII / UM EPISÓDIO DE 1814
		“dos escravos”	XV / MARCELA
		“um escravo”	LXV / OLHEIROS E ESCUTAS
		“ao escravo”	LXV / OLHEIROS E ESCUTAS
		“escravo dele”	LXVIII / O VERGALHO
		“um escravo”	LXVIII / O VERGALHO

		“escravos”	CXXIII / O VERDADEIRO COTRIM
		“em escravos”	CXXIII / O VERDADEIRO COTRIM
NEGRO	2	“dos negros novos”	XII / UM EPISÓDIO DE 1814
		“uns cento e vinte negros”	XII / UM EPISÓDIO DE 1814
PRETO	7	“um preto velho”	XIII / UM SALTO
		“o preto do ganho”	XXIII / TRISTE, MAS CURTO
		“um preto jardineiro”	XXIX / A VISITA
		“os pretos”	XLVI / A HERANÇA
		“outro preto”	XLVI / A HERANÇA
		“um preto”	LXVIII / O VERGALHO
ES CRAVA	4	“aquele preto”	LXVIII / O VERGALHO
		“uma escrava”	XI / O MENINO É PAI DO HOMEM
		“a escrava”	XI / O MENINO É PAI DO HOMEM
		“as escravas”	XI / O MENINO É PAI DO HOMEM
NEGRA	0	-	-
PRETA	2	“a uma escrava”	XII / UM EPISÓDIO DE 1814
		“as pretas”	XI / O MENINO É PAI DO HOMEM
		“a preta”	XVII / DO TRAPÉZIO E OUTRAS COISAS

FONTE: Elaborada pela autora

- *Quincas Borba* (1886): são mencionados vários escravos, nenhum é nomeado, com destaque a um escravo que enforca outro e ao preto velho que incomoda Sofia por sua dificuldade ao subir o morro.

Quadro 6 - Menções do romance *Quincas Borba*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	9	“um escravo”	CAPÍTULO X
		“ao escravo”	CAPÍTULO X
		“um escravo”	CAPÍTULO XIII
		“escravos”	CAPÍTULO XIV
		“escravos”	CAPÍTULO XV
		“escravos”	CAPÍTULO XXI
		“escravos”	CAPÍTULO XXI
		“alguns escravos”	CAPÍTULO LXIV
NEGRO	0	-	-
PRETO	5	“dous pretos”	CAPÍTULO XLVII

		“outro preto”	CAPÍTULO XLVII
		“o preto”	CAPÍTULO XLVII
		“um pobre preto velho”	CAPÍTULO LI
		“do preto”	CAPÍTULO LI
ES CRAVA	2	“das escravas”	CAPÍTULO LI
		“A escrava”	CAPÍTULO CXXV
NEGRA	0	-	-
PRETA	1	“uma preta”	CAPÍTULO XLVIII

FONTE: Elaborada pela autora

- *Dom Casmurro* (1899): são mencionados vários escravos, nenhum é nomeado, com destaque ao negro que vende cocadas.

Quadro 7 - Menções do romance *Dom Casmurro*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	1	“da escravidão”	CAPÍTULO IX / A ÓPERA
ES CRAVO	6	“os escravos”	CAPÍTULO VII / D. GLÓRIA
		“nosso escravo”	CAPÍTULO LXXXVII / A SEGE
		“outros escravos”	CAPÍTULO XCIII / UM AMIGO POR UM DEFUNTO
		“dos escravos”	CAPÍTULO XCVI / UM SUBSTITUTO
		“os escravos”	CAPÍTULO XCIX / O FILHO É A CARA DO PAI
		“um escravo”	CAPÍTULO CXXI / A CATÁSTROFE
NEGRO	0	-	-
PRETO	10	“O preto”	CAPÍTULO VI / TIO COSME
		“um preto”	CAPÍTULO XVIII / UM PLANO
		“o preto”	CAPÍTULO XVIII / UM PLANO
		“um preto”	CAPÍTULO LXX / DEPOIS DA MISSA
		“um preto”	CAPÍTULO LXXI / VISITA DE ESCOBAR
		“aquele preto”	CAPÍTULO XCIII / UM AMIGO POR UM DEFUNTO
		“o preto”	CAPÍTULO XCIII / UM AMIGO POR UM DEFUNTO
		“do preto”	CAPÍTULO CX / RASGOS DA INFÂNCIA

		“daquele preto”	CAPÍTULO CX / RASGOS DA INFÂNCIA
		“um preto”	CAPÍTULO CX / RASGOS DA INFÂNCIA
ES CRAVA	4	“uma escrava”	CAPÍTULO V / O AGREGADO
		“velhas escravas”	CAPÍTULO XX / MIL PADRE-NOSSOS E MIL AVE-MARIAS
		“a escrava”	CAPÍTULO XXXIX / A VOCAÇÃO
		“as escravas”	CAPÍTULO LIII / A CAMINHO!
NEGRA	0	-	-
PRETA	1	“Uma preta”	CAPÍTULO XXXIX / A VOCAÇÃO

FONTE: Elaborada pela autora

- *Esaú e Jacó* (1904): não são mencionados escravos, mas sim a “classe” escrava como um todo quando se fala em escravidão.

Quadro 8 - Menções do romance *Esaú e Jacó*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	1	“da escravidão”	CAPÍTULO LXXIII / UM ELDORADO
ES CRAVO	3	“e escravos”	CAPÍTULO VIII / NEM CASAL, NEM GENERAL
		“próprios escravos”	CAPÍTULO XX / A JÓIA
		“dos escravos”	CAPÍTULO XXXVII / DESACORDO NO ACORDO
NEGRO	0	-	-
PRETO	3	“o preto”	CAPÍTULO XXXVII / DESACORDO NO ACORDO
		“o preto”	CAPÍTULO XXXVII / DESACORDO NO ACORDO
		“de preto”	CAPÍTULO XLVIII / TERPSÍCORE
ES CRAVA	1	“Sou escrava”	CAPÍTULO XX / A JÓIA
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborada pela autora

- *Memorial de Aires* (1908): não são mencionados escravos, mas sim a “classe” escrava como um todo quando se fala em escravidão.

Quadro 9 - Menções do romance *Memorial de Aires*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ESCRAVIDÃO	1	“da escravidão”	8 de abril
ESCRAVO	12	“dos escravos”	20 de março
		“dos escravos”	27 de março
		“dos escravos”	10 de abril
		“dos escravos”	10 de abril
		“aos escravos”	10 de abril
		“dos escravos”	13 de abril
		“bons escravos”	13 de abril
		“dos escravos”	19 de abril
		“seus escravos”	19 de abril
		“dos escravos”	14 de maio, meia-noite
		“de escravos”	30 de junho
		“por escravos”	28 de julho
NEGRO	1	“negros”	13 de maio
PRETO	0	-	-
ESCRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborada pela autora

CONTOS:

- *Contos Fluminenses* (1870): escravos são mencionados nos contos “Miss Dollar”, “A mulher de preto”, “O segredo de Augusta” e “Confissões de uma viúva moça”.

Quadro 10 - Menções do livro de contos *Contos Fluminenses*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ESCRAVIDÃO	0	-	-
ESCRAVO	9	“dois escravos”	MISS DOLLAR / CAPÍTULO V
		“um escravo”	MISS DOLLAR / CAPÍTULO VII
		“o escravo”	MISS DOLLAR / CAPÍTULO VII
		“o escravo”	MISS DOLLAR / CAPÍTULO VII
		“um escravo”	A MULHER DE PRETO / CAPÍTULO II
		“que escravo”	A MULHER DE PRETO / CAPÍTULO II

		“seus escravos”	O SEGREDO DE AUGUSTA / CAPÍTULO III
		“nenhum escravo”	CONFISSÕES DE UMA VIÚVA MOÇA / CAPÍTULO II
		“um escravo”	CONFISSÕES DE UMA VIÚVA MOÇA / CAPÍTULO III
NEGRO	0	-	-
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborada pela autora

- *Histórias da meia-noite* (1873): escravos são mencionados nos contos “A parasita azul”, “As bodas de Luís Duarte” e “O relógio de ouro”.

Quadro 11 - Menções do livro de contos *Histórias da meia-noite*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	3	“escravo”	A PARASITA AZUL / CAPÍTULO VII
		“dos escravos”	PRECIPITAM-SE OS ACONTECIMENTOS AS BODAS DE LUÍS DUARTE
		“um escravo”	O RELÓGIO DE OURO
NEGRO	0	-	-
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	2	“as escravas”	AS BODAS DE LUÍS DUARTE
		“as escravas”	AS BODAS DE LUÍS DUARTE
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborada pela autora

- *Papéis Avulsos* (1872): escravos são mencionados nos contos “O Alienista”, “D. Benedita”, “O espelho” e “Verba testamentária”.

Quadro 12 - Menções do livro de contos *Papéis avulsos*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	10	“um escravo”	O ALIENISTA / CAPÍTULO V

			O TERROR
		“um escravo”	D. BENEDITA UM RETRATO / CAPÍTULO II
		“dos escravos”	O ESPELHO ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA
		“poucos escravos”	O ESPELHO ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA
		“Os escravos”	O ESPELHO ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA
		“pelos escravos”	O ESPELHO ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA
		“os escravos”	O ESPELHO ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA
		“aos escravos”	VERBA TESTAMENTÁRIA
		“aos escravos”	VERBA TESTAMENTÁRIA
		“e escravos”	VERBA TESTAMENTÁRIA
NEGRO	0	-	-
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	1	“uma escrava”	D. BENEDITA UM RETRATO / CAPÍTULO III
NEGRA	0	-	-
PRETA	1	“uma preta”	D. BENEDITA UM RETRATO / CAPÍTULO II

FONTE: Elaborada pela autora

- *Histórias sem data* (1884): escravos são mencionados nos contos “Cantigas de esponsais”, “Singular Ocorrência”, “Capítulo dos Chapéus”, “Uma senhora”, “Anedota Pecuniária”, “Fulano”, “A segunda vida” e “Ex Cathedra”.

Quadro 13 - Menções do livro de contos *Histórias sem data*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	2	“o escravo”	CANTIGA DE ESPONSAIS

		“de escravos”	FULANO
NEGRO	0	-	-
PRETO	5	“um preto”	CANTIGA DE ESPONSAIS
		“o preto”	CANTIGA DE ESPONSAIS
		“o preto”	A SEGUNDA VIDA
		“o preto”	A SEGUNDA VIDA
		“um preto”	EX CATHEDRA
ES CRAVA	4	“era escrava”	CAPÍTULO DOS CHAPÉUS
		“crianças escravas”	FULANO
		“as escravas”	EX CATHEDRA
		“as escravas”	EX CATHEDRA
NEGRA	0	-	-
PRETA	10	“uma preta”	SINGULAR OCORRÊNCIA
		“A preta”	SINGULAR OCORRÊNCIA
		“a preta”	SINGULAR OCORRÊNCIA
		“A preta”	SINGULAR OCORRÊNCIA
		“uma preta”	UMA SENHORA
		“mesma preta”	UMA SENHORA
		“a preta”	UMA SENHORA
		“à preta”	UMA SENHORA
		“à preta”	ANEDOTA PECUNIÁRIA
“à preta”	ANEDOTA PECUNIÁRIA		

FONTE: Elaborado pela autora

- *Várias histórias* (1896): escravos são mencionados nos contos “Entre santos”, “Uns braços”, “Um homem célebre”, “A causa secreta”, “O enfermeiro”, “O diplomático”, “D. Paula” e “O cônego ou metafísica do estilo”.

Quadro 14 - Menções do livro de contos *Várias histórias*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	1	“um escravo”	O ENFERMEIRO
NEGRO	1	“um negro”	UNS BRAÇOS
PRETO	8	“um preto”	UM HOMEM CÉLEBRE
		“o preto”	UM HOMEM CÉLEBRE
		“o preto”	UM HOMEM CÉLEBRE
		“o preto”	UM HOMEM CÉLEBRE
		“o preto”	UM HOMEM CÉLEBRE
		“O preto”	A CAUSA SECRETA
		“o preto”	A CAUSA SECRETA
ES CRAVA	5	“um preto”	O ENFERMEIRO
		“preta escrava”	ENTRE SANTOS

		“a escrava”	ENTRE SANTOS
		“das escravas”	O ENFERMEIRO
		“primeira escrava”	D. PAULA
		“as escravas”	D. PAULA
NEGRA	0	-	-
PRETA	5	“a preta”	ENTRE SANTOS
		“outra preta”	ENTRE SANTOS
		“A preta”	O DIPLOMÁTICO
		“as pretas”	D. PAULA
		“às pretas”	O CÔNEGO OU METAFÍSICA DO ESTILO

FONTE: Elaborado pela autora

- *Páginas Recolhidas* (1899): escravos são mencionados nos contos “O caso da vara”, “Um erradio”, “Eterno!”, “Missa do galo” e “Lágrimas de Xerxes”.

Quadro 15 - Menções do livro de contos *Páginas recolhidas*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	4	“um escravo”	O CASO DA VARA
		“ao escravo”	O CASO DA VARA
		“como escravo”	UM ERRADIO
		“miserável escravo”	LÁGRIMAS DE XERXES
NEGRO	2	“dois negros”	O CASO DA VARA
		“mais negros”	UM ERRADIO
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	2	“duas escravas”	MISSA DO GALO
		“as escravas”	MISSA DO GALO
NEGRA	5	“uma negrinha”	O CASO DA VARA
		“da negrinha”	O CASO DA VARA
		“a negrinha”	O CASO DA VARA
		“A negrinha”	O CASO DA VARA
		“a negrinha”	O CASO DA VARA
PRETA	1	“uma preta”	ETERNO!

FONTE: Elaborado pela autora

- *Relíquias de casa velha* (1906): escravos são mencionados nos contos “Pai contra mãe”, “Marcha fúnebre”, “Umas férias” e “Anedota do *Cabriolet*”.

Quadro 16 - Menções do livro de contos *Relíquias de casa velha*

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	2	“A escravidão”	PAI CONTRA MÃE
		“da escravidão”	PAI CONTRA MÃE
ES CRAVO	18	“aos escravos”	PAI CONTRA MÃE
		“aos escravos”	PAI CONTRA MÃE

		“Escravo”	PAI CONTRA MÃE
		“os escravos”	PAI CONTRA MÃE
		“o escravo”	PAI CONTRA MÃE
		“um escravo”	PAI CONTRA MÃE
		“escravos”	PAI CONTRA MÃE
		“escravos”	PAI CONTRA MÃE
		“escravos”	PAI CONTRA MÃE
		“um escravo”	PAI CONTRA MÃE
		“um escravo”	PAI CONTRA MÃE
		“Os escravos”	PAI CONTRA MÃE
		“escravo”	PAI CONTRA MÃE
		“escravos”	PAI CONTRA MÃE
		“escravo”	MARCHA FÚNEBRE
		“o escravo”	MARCHA FÚNEBRE
		“escravo”	ANEDOTA DO CABRIOLET
		“escravos”	ANEDOTA DO CABRIOLET
NEGRO	0	-	-
		“de preto”	PAI CONTRA MÃE
		“preto”	PAI CONTRA MÃE
		“um preto”	PAI CONTRA MÃE
		“o preto”	UMAS FÉRIAS
		“o preto”	ANEDOTA DO CABRIOLET
		“o preto”	ANEDOTA DO CABRIOLET
		“o preto”	ANEDOTA DO CABRIOLET
		“o preto”	ANEDOTA DO CABRIOLET
		“mesmo preto”	ANEDOTA DO CABRIOLET
		“da escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“da escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“da escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“A escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“tua escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“a escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“a escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“a escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“da escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“à escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“a escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“a escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“a escrava”	PAI CONTRA MÃE
		“pela escrava”	UMAS FÉRIAS
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborado pela autora

A partir daqui, serão organizados 10 quadros com os contos avulsos de Machado de Assis, que não foram publicados em nenhuma coletânea organizada pelo autor. Quem separou esses contos em dez fases⁵ foi a pesquisadora Marta de Senna, juntamente com seu grupo de pesquisa.

- Contos da fase 1 - (1858-1867): escravos são mencionados em: “Virginius” e “Carolina”. No conto “O último dia de um poeta” estão presentes 7 menções à palavra “escrava”, mas não se referem a uma mulher negra escravizada e sim a uma “escrava” do “amor”.

Quadro 17 - Menções da fase 1 - (1858-1867)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	10	“É escravo”	VIRGINIUS/ I
		“Escravo”	VIRGINIUS/ I
		“tem escravos”	VIRGINIUS/ I
		“seus escravos”	VIRGINIUS/ I
		“ou escravos”	VIRGINIUS/ I
		“um escravo”	VIRGINIUS/ II
		“o escravo”	VIRGINIUS/ II
		“alguns escravos”	VIRGINIUS/ II
		“do escravo”	CAROLINA
“O escravo”	CAROLINA		
NEGRO	3	“ao negro”	VIRGINIUS/ I
		“O negro”	VIRGINIUS/ I
		“os negros”	VIRGINIUS/ I
PRETO	1	“um preto”	VIRGINIUS/ I
ES CRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-
PRETA	0	-	-

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 2 - (1868-1871): escravos são mencionados em: “O carro nº 13”, “O rei dos caiporas” e “Mariana”. Apenas a escrava Mariana, do conto homônimo, é nomeada e apresenta importância narrativa.

Quadro 18 - Menções da fase 2 - (1868-1871)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	2	“escravos”	O CARRO Nº 13/ I

⁵ As narrativas estão presentes no site machadodeassis.net.

		“um escravo”	O REI DOS CAIPORAS
NEGRO	0	-	-
PRETO	1	“um preto”	O REI DOS CAIPORAS
ES CRAVA	17	“simples escrava”	MARIANA
		“Escrava”	MARIANA
		“mas escrava”	MARIANA
		“pobre escrava”	MARIANA
		“da escrava”	MARIANA
		“uma escrava”	MARIANA
		“da escrava”	MARIANA
		“da escrava”	MARIANA
		“infeliz escrava”	MARIANA
		“da escrava”	MARIANA
		“as escravas”	MARIANA
		“uma escrava”	MARIANA
		“às escravas”	MARIANA
		“das escravas”	MARIANA
“da escrava”	MARIANA		
“uma escrava”	MARIANA		
“era escrava”	MARIANA		
NEGRA	0	-	-
PRETA	1	“uma preta”	O REI DOS CAIPORAS

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 3 - (1872-1873): escravos são mencionados em: “Quem não quer ser lobo...”, “Qual dos dois?”, “Um homem superior” e “Nem uma nem outra”.

Quadro 19 - Menções da fase 3 - (1872-1873)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	4	“os escravos”	QUAL DOS DOIS/ I
		“cada escravo”	QUAL DOS DOIS/ I
		“um escravo”	QUAL DOS DOIS/ I
		“os escravos”	UM HOMEM SUPERIOR/ VII
NEGRO	0	-	-
PRETO	6	“o preto”	QUEM NÃO QUER SER LOBO... / IV NO JARDIM
		“o preto”	QUEM NÃO QUER SER LOBO... / IV NO JARDIM
		“um preto”	UM HOMEM SUPERIOR/ I
		“um preto”	UM HOMEM SUPERIOR/ IV
		“um preto”	UM HOMEM SUPERIOR/ IV
		“do preto”	NEM UMA NEM OUTRA III
ES CRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-

PRETA	0	-	-
--------------	---	---	---

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 4 - (1874-1875): escravos são mencionados em: “Os óculos de Pedro Antão”, “Um dia de entrudo”, “Miloca”, “A mágoa do infeliz Cosme” e “Um esqueleto”.

Quadro 20 - Menções da fase 4 - (1874-1875)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	8	“escravos”	UM DIA DE ENTRUDO
		“os escravos”	UM DIA DE ENTRUDO
		“um escravo”	A MÁGOA DO INFELIZ COSME/ IV
		“O escravo”	A MÁGOA DO INFELIZ COSME/ IV
		“um escravo”	A MÁGOA DO INFELIZ COSME/ IV
		“o escravo”	A MÁGOA DO INFELIZ COSME/ VI
		“Um escravo”	UM ESQUELETO/ II
		“um escravo”	UM ESQUELETO/ II
NEGRO	1	“negros novos”	UM DIA DE ENTRUDO
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	5	“uma escrava”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“a escrava”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“a escrava”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“das escravas”	UM DIA DE ENTRUDO
		“escrava”	MILOCA/ V
NEGRA	0	-	-
PRETA	9	“a preta”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“à preta	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“A preta”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“a preta”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“A preta”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“a preta”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“a preta”	OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO
		“uma preta velha”	MILOCA/ III
		“de preta”	MILOCA/ V

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 5 - (1876-1877): escravos são mencionados em: “To be or not to be”, “Encher tempo”, “Dona Mônica”, “O astrólogo”, “Um almoço” e “A melhor das noivas”.

Quadro 21 - Menções da fase 5 - (1876-1877)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	10	“um escravo”	ENCHER TEMPO/ II
		“o escravo”	ENCHER TEMPO/ II
		“um escravo”	ENCHER TEMPO/ VIII
		“Um escravo”	DONA MÔNICA/ IV
		“ao escravo”	DONA MÔNICA/ IV
		“ao escravo”	DONA MÔNICA/ V
		“dois escravos”	O ASTRÓLOGO
		“alguns escravos”	O ASTRÓLOGO
		“alguns escravos”	UM ALMOÇO/ IV
“os escravos”	A MELHOR DAS NOIVAS		
NEGRO	0	-	-
PRETO	1	“um preto”	ENCHER TEMPO/ III
ES CRAVA	1	“havia escrava”	ENCHER TEMPO/ I
NEGRA	0	-	-
PRETA	11	“uma preta velha”	TO BE OR NOT TO BE/ II
		“uma preta velha”	ENCHER TEMPO/ VI
		“Sua preta velha”	ENCHER TEMPO/ IX
		“boa preta”	ENCHER TEMPO/ IX
		“a preta”	ENCHER TEMPO/ IX
		“da preta”	ENCHER TEMPO/ IX
		“A preta”	ENCHER TEMPO/ IX
		“a preta”	ENCHER TEMPO/ IX
		“sua preta velha”	ENCHER TEMPO/ IX
		“A preta”	ENCHER TEMPO/ X
“a preta”	ENCHER TEMPO/ X		

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 6 - (1878-1882): escravos são mencionados em: “O machete”, “Conversão de um avaro”, “Dívida extinta”, “A chave”, “A mulher pálida”, “O imortal” e “O programa”.

Quadro 22 - Menções da fase 6 - (1878-1882)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	4	“dois escravos”	CONVERSÃO DE UM AVARO
		“dois escravos”	DÍVIDA EXTINTA/ II
		“escravos”	DÍVIDA EXTINTA/ VII
		“de escravos”	O IMORTAL/ V
NEGRO	2	“os negros”	O IMORTAL/ V

		“um dos negros”	O IMORTAL/ V
PRETO	1	“um preto fugido”	O PROGRAMA/ I - LIÇÃO DE MESTRE-ESCOLA
ES CRAVA	3	“às escravas”	CONVERSÃO DE UM AVARO
		“escrava”	CONVERSÃO DE UM AVARO
		“das escravas”	A MULHER PÁLIDA
NEGRA	0	-	-
PRETA	6	“uma preta”	O MACHETE
		“A preta”	O MACHETE
		“à preta”	CONVERSÃO DE UM AVARO
		“a preta”	CONVERSÃO DE UM AVARO
		“A preta”	CONVERSÃO DE UM AVARO
		“qualquer preta”	A CHAVE/ I

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 7 - (1883): escravos são mencionados em: “Três conseqüências” e “Vidros quebrados”.

Quadro 23 - Menções da fase 7 - (1883)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	2	“os escravos”	TRÊS CONSEQUÊNCIAS
		“dos escravos”	TRÊS CONSEQUÊNCIAS
NEGRO	0	-	-
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	1	“a escrava”	VIDROS QUEBRADOS
NEGRA	1	“da negra”	VIDROS QUEBRADOS
PRETA	4	“boa preta”	VIDROS QUEBRADOS
		“a preta”	VIDROS QUEBRADOS
		“A preta”	VIDROS QUEBRADOS
		“mesma preta”	VIDROS QUEBRADOS

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 8 - (1884): escravos são mencionados em: “Trinta e uma” e “Uma carta”.

Quadro 24 - Menções da fase 8 - (1884)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	0	-	-
ES CRAVO	0	-	-

NEGRO	0	-	-
PRETO	0	-	-
ES CRAVA	6	“a escrava”	UMA CARTA
		“única escrava”	UMA CARTA
		“à escrava”	UMA CARTA
		“a escrava”	UMA CARTA
		“à escrava”	UMA CARTA
		“A escrava”	UMA CARTA
NEGRA	2	“uma negrinha”	TRINTA E UMA
		“a negrinha”	TRINTA E UMA
PRETA	2	“A preta”	UMA CARTA
		“a preta”	UMA CARTA

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 9 - (1885-1892): escravos são mencionados em: “Só!”, “Casa velha”, “Terpsícore”, “Pobre cardeal!” e “Identidade”.

Quadro 25 - Menções da fase 9 - (1885-1892)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
ES CRAVIDÃO	1	“à escravidão!”	IDENTIDADE
ES CRAVO	5	“um escravo”	SÓ!
		“escravos”	CASA VELHA/ I - ANTES E DEPOIS DA MISSA
		“escravos”	TERPSÍCORE
		“um escravo”	POBRE CARDEAL!
		“um escravo”	POBRE CARDEAL!
NEGRO	0	-	-
PRETO	6	“único preto”	SÓ!
		“o preto”	CASA VELHA/ IV
		“meu preto”	CASA VELHA/ IV
		“um preto velho”	CASA VELHA/ V
		“o preto”	CASA VELHA/ V
		“ao preto”	CASA VELHA/ V
ES CRAVA	0	-	-
NEGRA	0	-	-
PRETA	1	“Pretas”	CASA VELHA/ I - ANTES E DEPOIS DA MISSA

FONTE: Elaborado pela autora

- Contos da fase 10 - (1893-1907): escravos são mencionados em: “Um sonho e outro sonho”, “Uma partida”, “Flor anônima”, “Uma noite”, “Jogo do bicho” e “O escravidão Coimbra”.

Quadro 26 - Menções da fase 10 - (1893-1907)

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES	MENÇÕES À ESCRAVIDÃO	CAPÍTULO
---------------	------------------------------	-----------------------------	-----------------

ESCRavidÃO	0	-	-
ESCRAVO	2	“muitos escravos”	UMA PARTIDA/ I
		“Os escravos”	UMA PARTIDA/ I
NEGRO	0	-	-
PRETO	2	“por pretos”	UMA PARTIDA/ I
		“um preto”	JOGO DO BICHO
ESGRAVA	3	“duas escravas”	UMA NOITE/ III
		“uma das escravas”	UMA NOITE/ III
		“uma das escravas”	UMA NOITE/ III
NEGRA	1	“A negrinha”	FLOR ANÔNIMA
PRETA	13	“uma preta”	UM SONHO E OUTRO SONHO
		“uma preta”	UMA NOITE/ III
		“a preta”	UMA NOITE/ III
		“A preta”	UMA NOITE/ III
		“a preta velha”	JOGO DO BICHO
		“esta preta”	JOGO DO BICHO
		“a preta”	JOGO DO BICHO
		“a preta”	JOGO DO BICHO
		“a preta”	JOGO DO BICHO
		“a preta”	JOGO DO BICHO
		“a preta”	JOGO DO BICHO
“Uma preta velha”	O ESCRIVÃO COIMBRA		
“A preta”	O ESCRIVÃO COIMBRA		

FONTE: Elaborado pela autora

Quadro 27 - Total de menções em livros

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES
ESCRavidÃO	9
ESCRAVO	128
NEGRO	6
PRETO	64
ESGRAVA	41
NEGRA	5
PRETA	22

FONTE: Elaborado pela autora

Quadro 28 - Total de menções em contos avulsos

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES
ESCRavidÃO	1
ESCRAVO	47
NEGRO	6
PRETO	18
ESGRAVA	36
NEGRA	4
PRETA	47

FONTE: Elaborado pela autora

Quadro 29 - Total geral das menções

MENÇÃO	QUANTIDADE DE MENÇÕES
ESCRavidÃO	10
ESCRAVO	175
NEGRO	12
PRETO	82
ESCRAVA	77
NEGRA	9
PRETA	69

FONTE: Elaborado pela autora

Analisando o resultado obtido pela busca quantitativa das menções à escravidão e aos escravos na obra machadiana, é possível concluir principalmente duas coisas: escravos e menções ao regime estão presentes em basicamente todas as obras analisadas, a grande maioria dessas menções faz referência a escravos do sexo masculino; e, quando considerada a qualidade dessas menções, mesmo estando em menor quantidade, as menções a negras escravas exibem exemplos em que as personagens em questão são nomeadas, representam uma importância para o decorrer da narrativa e, conseqüentemente, ajudam a compor a crítica machadiana acerca da escravidão. Para exemplificar os dados apresentados nos quadros quantitativos vou apresentar três personagens negros de romances e três personagens negros de contos.

No romance *Helena*, publicado em 1876, há um personagem que apresenta nome e um resquício de autonomia, Vicente. O garoto negro e escravo contracena com a protagonista e é designado por Estácio para cuidar de Helena, tornando-se assim além de companhia “um fiel servidor’ da jovem” (TRÍPOLI, 2006, p. 97). Um pouco dessa autonomia e liberdade do rapaz é explicitada quando pode interferir e aconselhar as atitudes de Helena, “embora secundário, Vicente desempenha seu papel de sujeito cativo, mas com voz” (TRÍPOLI, 2006, p. 97). Em concordância, Duarte defende que

Num contexto de contínuas transgressões ao *status quo*, dá-se a aliança estratégica de Helena com Vicente, escravo até então “condenado a viver da contemplação e da memória, a não beijar sequer a mão que o abençoava, limitado e distanciado pelos costumes, pelo respeito e pelos instintos.” Durante a ausência de Estácio, no entanto, o negro cresce enquanto personagem, acoberta as escapadas da moça para encontrar o pai verdadeiro, e até degusta em sua presença o charuto roubado ao senhor (DUARTE, 2009, p. 277).

No romance *laiá Garcia*, do ano de 1877, somente uma personagem negra que aparece na narrativa é, de fato, representativa, essa personagem é o negro Raimundo. Esse personagem é parte da herança que Luís Garcia recebeu de seu pai, além de ter praticamente crescido juntos. Como forma de gratidão o branco liberta o africano, que entende “a alforria como uma forma de Luís mandá-lo embora de onde vivera desde criança. Porém o pai de laiá Garcia, percebendo a hesitação do africano, faz um pacto com ele: ‘és livre, viverás comigo até quando quiseres’” (TRÍPOLI, 2006, p. 100). O ex-escravo é descrito como forte e de estatura mediana, mesmo com 50 anos de idade ainda era o único criado de Garcia e executa todos os serviços da casa, além de conversar e aconselhar seu amigo e antigo senhor. Raimundo passa a impressão de que a escravidão foi sempre pacífica e que negros e brancos conviviam com respeito, como define Mailde Trípoli “A presença de Raimundo no romance não coloca a escravidão em discussão, nem a contesta, mas fala de respeito mútuo e de reconhecimento, que afasta medos, inseguranças e exorciza o fantasma da vingança” (TRÍPOLI, 2006, p. 101). Em consonância, Duarte acredita que “o romance concede ao africano um estatuto de positividade que o dignifica perante o leitor, assumindo certa feição realista ao abordar a convivência pacífica entre brancos e negros no contexto da pequena propriedade urbana” (DUARTE, 2009, p. 279).

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* coloca em cena a personagem de Prudêncio, que na infância era maltratado por Brás e servia de “cavalinho” para o menino branco, desnudando a face da violência que não passava incólume pela infância de brancos e negros. Segundo Duarte,

O tratamento dado ao afrodescendente passa pelo suplício do corpo e pela animalização, revestindo a cena de forte sentido alegórico: o negro é posto de quatro, é o animal sobre o qual o branco monta. O jogo infantil nada tem de inocente e mimetiza a posição de cada um na estrutura vigente na sociedade. (DUARTE, 2009, p. 286).

Enquanto Brás rememora sua vida adulta, em um passeio reencontra Prudêncio, na verdade, o narrador se depara com um preto machucando outro com um vergalho. Ao aproximar-se reconhece seu antigo escravo que, agora livre, abusa do poder sobre outro escravo da mesma forma que recebera na infância, segundo Senna (2008a, p. XV, nota de rodapé), “uma vez liberto por Brás, compra para si um escravo que submete aos mesmos maus tratos de que fora vítima quando seu ex-dono o maltratava, em criança”. Brás Cubas intercede pelo escravo de Prudêncio que prontamente acata o pedido, como uma “demonstração do poder e eficiência do

condicionamento escravagista, Prudêncio, apesar de livre, obedece-lhe como quando escravo: ‘Senhor manda!’” (TRÍPOLI, 2006, p. 106). Vicente e Raimundo são conselheiros de damas indefesas, mas ainda não chegam ao patamar de serem donos de suas histórias, Prudêncio explicita a forma com que a escravidão condicionou muitos negros a se acostumarem com a violência que viviam e a reproduzirem-na adiante.

Com os dados obtidos e evidenciados nos quadros é possível perceber que Machado de Assis mencionava mais escravas mulheres em contos que não foram organizados nas coletâneas de livros. Entre eles citam-se “Vidros quebrados”, “Uma carta” e “Jogo do Bicho”. As escravas presentes nesses contos chegam a ter ações e podem ser definidas como ajudantes e intermediárias nas relações dos casais protagonistas. Em “Jogo do Bicho” a escrava até ganha nome, Germana, mas nenhuma das escravas, dos três contos citados acima, chega a constituir uma narrativa própria ou uma considerável importância para o decorrer da história.

Três narrativas parecem dialogar nos quesitos: mulher negra e escrava nomeada, importância narrativa da mulher negra e presença de crítica ao regime escravocrata. “Mariana”, conto de 1871, publicado no *Jornal das Famílias*; “O caso da vara”, conto de 1899, publicado no livro *Páginas Recolhidas* e “Pai contra mãe”, conto de 1906, publicado no livro *Relíquias de Casa Velha*.

Mas, afinal, quem são essas mulheres?

4 ESCRAVAS NEGRAS: DO SILENCIAMENTO À IMPORTÂNCIA DIEGÉTICA

No capítulo anterior, vimos a relação da biografia machadiana com a escravidão; a opinião de escritores, pesquisadores e historiadores acerca da manifestação de Machado de Assis (ou a falta dela) sobre temas abolicionistas; o papel ativo do Machado funcionário público, e a manifestação pitoresca do Machado escritor em suas obras publicadas em jornais e revistas; e, por fim, a presença do tema “escravidão” em suas obras ficcionais. Dentre as personagens negras escravas representadas na ficção, três delas são nomeadas - Lucrecia, Arminda e Mariana -, este capítulo, tem o objetivo de apresentar suas narrativas, suas lutas e refletir, de maneira inovadora, sobre a escolha do escritor em construir a sua crítica à escravidão com personagens femininas.

4.1 Lucrecia

“Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos” (ASSIS, 2008a, p. 7).

“O caso da vara” é um dos contos que compõe a coletânea *Páginas Recolhidas*, cuja primeira edição foi impressa em 1899. Antes de integrar o livro, esse conto foi publicado no jornal *Gazeta de Notícias* em 1º de fevereiro de 1891. Marta de Senna, pesquisadora da obra machadiana, em um livro que reúne as duas últimas coletâneas organizadas por Machado de Assis, defende que “O caso da vara”, igualmente a “Pai contra mãe”, conto que abre *Relíquias de casa velha*, estão em consonância quanto a seus temas pois, “ambos são peças de denúncia do regime escravagista, coisa, aliás, rara na ficção de Machado de Assis, vindo à tona só incidentalmente nos romances” (SENNA, 2008a, p. XV). Para confirmar essa afirmação, Senna cita o personagem Prudêncio do livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, citado anteriormente.

“O caso da vara” coloca em cena Damião, um garoto que foge do seminário em uma sexta-feira de agosto e se vê no dilema de, ao abdicar da vida clerical, ir contra a vontade familiar e, ao mesmo tempo, não ter condições de sobreviver fora do seminário sem o apoio de um adulto. O seminarista pensa em três possibilidades de

refúgio: cogita ir para a casa do pai, porém acredita que não seria bem recebido, pois o pai era bravo e provavelmente o levaria de volta ao seminário; lembra do padrinho João Carneiro, entretanto, João nunca fez nada por ele e tinha medo do pai, logo possivelmente não estaria a favor do garoto; por fim, relembra de Sinhá Rita, que era influente sobre o padrinho e que tinha condições de interceder por sua causa.

Damião chega à casa de Sinhá Rita e utiliza de uma estratégia de persuasão ao questionar a influência e a autoridade dela sobre o padrinho. Sinhá, ferida nos brios, passa a advogar pelo garoto. Rita instruía escravas a bordar almofadas com bilros para vender esses produtos e, dentre essas escravas, uma chama a atenção por ser a menor, apresentar cicatrizes e Damião decide apadrinhá-la. Eduardo de Assis Duarte, em seu livro *Machado de Assis: Afrodescendente*, defende que, por mais que a descrição da menina quase passe despercebida em meio às queixas do seminarista “as marcas da tortura não deixam de caracterizar como sádico o rigor imperial da sinhá, nem de realçar a dureza das condições de vida e de trabalho da criança escrava” (DUARTE, 2009, p. 268). Lucrécia é descrita com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão, evidências da violência e do abuso que sofria sob os cuidados de Sinhá Rita. A cicatriz revela que os castigos eram constantes, a queimadura confirma que a negrinha foi punida recentemente.

O seminarista, no convívio com as negras, passa a tarde a contar-lhe anedotas e Lucrécia, ao rir de uma das piadas, é alertada por Sinhá Rita sobre o castigo com a vara. No final do dia, as negras deveriam entregar seu serviço pronto e, por causa da distração de Damião, Lucrécia não conseguiu concluir seu trabalho, coberta de raiva Sinhá Rita se dirige a Damião:

- Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?
Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho... (ASSIS, 2008a, p. 13).

No entanto, Damião toma sua decisão:

Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita (ASSIS, 2008a, p. 14).

O conto termina da maneira mais machadiana possível, com uma ironia capaz de deixar qualquer leitor desconfortável já que, mesmo que Damião e Lucrécia estivessem sob os cuidados de Sinhá Rita, aos dois era dado um tratamento

totalmente diferente, ele podia contar piadas e distrair as escravas, ela devia trabalhar e não manifestar alegria. Segundo Marta de Senna:

A ironia que se instala no final do conto é sutilíssima e resulta do contraste entre o que Damião sabe ser a atitude moralmente nobre e correta e a ação covarde de entregar a Sinhá Rita a vara com que vai espancar a pobre Lucrecia, cujo delito fora, afinal, distrair-se do trabalho com os bilros de fazer renda justamente por causa das histórias dele, Damião (SENNA, 2008a, p. XVI).

A fala do narrador descrevendo a sequência das ações finais é definitiva, sendo capaz de expor a condição do negro numa sociedade que o considerava uma raça submissa (DUARTE, 2009, p. 269). Machado de Assis não critica abertamente a escravidão, mas lança luz sobre uma situação corriqueira para revelar a crueldade do branco. A pesquisadora Mailde Trípoli acredita:

estar aí caracterizada a sua forma de atuação. Numa atitude não-panfletária, mas mordaz, o escritor arranha o mito da superioridade branca, apontando-lhe as fraquezas, ironizando e ridicularizando as atitudes ambíguas, as ideias deslocadas. E faz isso a partir da imagem do outro, que, nessa situação, legitima-se na condição de sujeito, ainda que submetido a uma dominação cruel, injusta e ilegítima (TRÍPOLI, 2006, p. 120).

Os nomes das personagens podem sugerir características de suas personagens. Damião significa domador e, de certa forma, esse predicado reverbera no jogo de persuasão que o protagonista organiza. João Carneiro, por sua vez, tem, como sobrenome, a designação do animal que, na religião cristã, representa sacrifício e submissão: o padrinho é, pois, o enviado que deve experimentar a fúria do pai diante da recusa do filho em cumprir suas ordens. O nome Lucrecia, da mesma forma, tem um significado que traduz sua função na narrativa, visto que sua raiz etimológica o vincula a lucro⁶: a frágil escrava representa, para Sinhá Rita, o lucro que advém de seu trabalho. Entretanto, o termo lucro aproxima-se de logro, que remete à atitude de Damião, já que o jovem promete apadrinhar a escrava, a quem distraíra com suas anedotas, mas ele não assume sua responsabilidade no atraso da bordadeira, deixando que sobre ela recaia a fúria de Sinhá Rita.

O jovem seminarista termina sua história com um dilema que pode ser o de todo e qualquer adolescente: “entregar ou não a vara”. A significação do objeto vai

⁶ De acordo com dicionários latinos, que trazem elementos etimológicos, o nome, de origem etrusca, liga-se à família dos Lucrécios, oriundos dos Montes Lucretios – verbete “Lucretilis” (SARAIVA, 1910, p. 690) –, portanto, um topônimo. Há ainda uma ligação semântica com lucro/logro – verbete “Lucretio” (SARAIVA, 1910, p. 690) –, tanto no sentido ativo de lucrar ou passivo, de “ser passível de lucro”, sentido bem pertinente à narrativa machadiana.

além da finalidade que lhe dá a narrativa – ser objeto de tortura –, pois coloca um dilema moral, que exige uma escolha com base em oposições: o outro ou eu; o certo ou o errado; o moral ou o conveniente. Damião decide proteger Lucrecia pelo fato de ver nela um ser fragilizado pelas relações sociais, mas, quando essa proteção precisa se efetivar, opta pelo benefício pessoal, pois sabe que a desobediência à Sinhá Rita colocaria em risco sua necessidade de anular o desejo paterno que o destina à vida eclesiástica. Assim, a realidade ficcional propõe uma reflexão acerca da vida real e faz o leitor posicionar-se diante de uma e de outra.

4.2 Arminda

“Uma, porém, subia a cem mil-réis. Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido” (ASSIS, 2008b, p. 125).

“Pai contra mãe” integra a última coletânea de contos organizada por Machado de Assis, *Relíquias de casa velha*. Como o nome do livro sugere, os contos nele reunidos não possuem uma unidade temática e a maioria não havia sido antes publicada em jornais, como era o costume do autor. O conto inicia com um tom ensaístico comentando sobre os instrumentos de tortura que, com o fim da escravidão, deixaram de existir junto com o regime. O narrador comenta sobre instrumentos como a máscara de flandres, o ferro ao pé e ao pescoço, e seus motivos de utilização como o de combater o vício da bebida e o ato de roubar para conseguir dinheiro para beber, mantendo a “sobriedade e a honestidade certas” (ASSIS, 2008b, p. 113). Machado de Assis organiza o discurso de quem narra para que componha, assim como afirma a pesquisadora Heloísa Gomes, em sua obra *As marcas da escravidão*, uma “cínica e detalhada listagem dos instrumentos de tortura da escravidão” (GOMES, 2009, p. 203).

Depois de comentar sobre os objetos de tortura, a narração segue informando que era comum os escravos fugir pois “nem todos gostavam da escravidão” (ASSIS, 2008b, p. 114) e, dessa forma, “Machado põe em cena a escravidão no que esta tem de mais escabroso: primeiro os instrumentos da violência, em seguida as vítimas do processo, acomodadas umas, insubmissas outras” (DUARTE, 2009, p. 270). A construção dessa primeira parte da narrativa é responsável por chocar o leitor sobre

a “opinião” do narrador acerca da “necessidade” e da “justificativa” da escravidão e mantê-lo intrigado para o que segue. Conforme Gomes (2009, p. 204), “O texto não nos deixa esquecer aquilo que visa: a exibição da desordem social cujos funcionamentos começa a explorar - sem recorrer a qualquer sentimentalismo, para o qual não há espaço no discurso irônico”. Como se os negros devessem se acostumar com o fato de serem escravos sem questionar, aceitar os abusos e as torturas sem se rebelar ou tentar fugir, e nesse caso fugir era muito mais que algo espacial, era sair de um ambiente de humilhação e violência e voltar para sua realidade não-cativa, e tendo que, além de enfrentar a fúria de seu “dono”, considerar fugir também dos capangas – de sua cor – que trabalhavam recuperando e impedindo escravos fujões. Para o pesquisador Duarte (2009, p. 270): “A fuga, gesto de afirmação do sujeito em busca da precária liberdade, opõe o escravo tanto a seu senhor quanto ao malungo que prefere a senzala ao risco de captura e dos castigos”.

Além do caráter irônico do discurso do narrador, a narração é responsável por minimizar a violência do escravismo referenciando-o como uma “instituição social” e nomeando “ofícios e aparelhos” como se desconsiderasse a dor e o sofrimento que esses apetrechos promoviam. No fim dessa descrição, como se não pudesse ser mais dura ainda, o narrador avisa o leitor “mas não cuidemos de máscaras” (ASSIS, 2008b, p. 114).

Depois de cinco parágrafos de descrição sobre o regime escravocrata, a narrativa muda de tom e apresenta Cândido Neves, popular Candinho, homem branco que nunca trabalhou em algo fixo e, rendendo-se à pobreza, passou a ganhar dinheiro recuperando escravos fugidos. Casado com Clara, o casal vivia com Mônica, a tia da noiva, que alertava os dois sobre a possibilidade de que se tivessem um filho, este morreria de fome. Clara engravidou e os dois tiveram que se dedicar ainda mais em conseguir dinheiro. Com o tempo, outros homens, mais jovens e mais fortes que Candinho, também passaram a recuperar escravos e cada vez mais ele tinha menos dinheiro e seu filho estava prestes a nascer.

Tia Mônica chegou a sugerir que o casal entregasse a criança à Roda dos Enjeitados, temia pela integridade do bebê e da família. Candinho se revoltou com a suposição. Naquele momento, chega o dono da casa em que os três moravam para ameaçar os inquilinos quanto ao valor atrasado, “Cinco dias ou rua!” (ASSIS, 2008b, p. 124). Os dias passaram, e o dinheiro não apareceu. A família foi posta na rua e dois dias depois a criança nasceu. Era um menino, o pai estava muito feliz e, ao mesmo

tempo, muito triste. Candinho releu todos os anúncios de escravos fugidos, mesmo sabendo que a maioria era promessa, fez uma última busca pelas ruas, sem sucesso. Ao chegar em casa, Mônica e Clara já tinham se convencido que o melhor para o bebê era a Roda, estavam morando em casa de favor, e já não tinham dinheiro nem para eles. O pai tentou argumentar, mas sabia que era verdade, pediu que a mãe ainda amamentasse o menino pela última vez e decidiu que ele mesmo levaria seu fruto.

No caminho para a Rua dos Barbonos, depois de desviar ao máximo de seu destino, cruzou com uma mulata fugida, que sabia pelos anúncios valer cem mil réis, ficou imensamente feliz e numa farmácia pediu que cuidassem do menino por um instante. Gritou pelo nome “Arminda!”. A escrava sem pensar na possibilidade de ser algo ruim virou com inocência e já não teve tempo de fugir das mãos e da corda de Cândido Neves. A escrava tentou clamar por ajuda, mas quem via sabia que se tratava de uma fuga, Arminda implorou então pela compaixão de Neves, dizendo que estava grávida e que se ele tivesse um filho também, pelo amor dele, soltasse-a e se propôs a ser sua escrava. Ela nem imaginava que clamando pela vida de seu feto e apelando para o instinto paternal de seu capturador, estava justamente lembrando do motivo pelo qual Cândido estava tão desesperado pelo dinheiro.

Chegando na casa do senhor, Arminda tentou fugir, alegou que o senhor a castigaria, e Neves não deu ouvidos. Depois da luta, a escrava abortou e, conforme Gomes, “A camada de humor que permeia o discurso irônico aqui se rarefaz. Mas um certo humor amargo e desencantado voltará a provocar o leitor diante das reações de Cândido e sua família ao acontecido, no desfecho do conto” (GOMES, 2009, p. 207). Candinho com o dinheiro em mãos foi em busca do filho e beijando-o em lágrimas diz “Nem todas as crianças vingam” (ASSIS, 2008b, p. 130). A narração do conto ainda complementa a citação com o trecho “bateu-lhe o coração”. Para Duarte, “a frase surge carregada de trágica ironia, em função de que a morte da criança negra propicia a ‘salvação’ da criança branca.” (DUARTE, 2009, p. 272). Arminda e seu bebê são apenas uma moeda de troca pela integridade do filho e pela união da família do branco, a vida de um bebê, pela vida do outro. Marta de Senna acredita que “O silêncio que se instala depois dessa fala permanece no ouvido do leitor, que custa a recompor-se para prosseguir a leitura do livro” (SENNA, 2008a, p. XVIII). Em consonância, Heloísa Gomes qualifica a frase final da narrativa como “desconcertante”.

“Pai contra mãe” é um soco no estômago, evidencia tanto a escravidão, sua estrutura e seus métodos de tortura e subjugamento, quanto o sofrimento das pessoas

que vivem à margem na sociedade, o branco sem condições financeiras que vive da fuga do povo negro e os escravos tentando recuperar sua identidade, sua liberdade, especificamente, as mulheres escravas, que, além de terem seu trabalho explorado, são lucro ao serem vendidas, são lucro ao serem recuperadas, são abusadas sexualmente e de todas as formas possíveis por seus donos e, ainda, são lucro ao gerarem a continuidade de um povo explorado. O conto consiste em “Um relato no qual se fundem história e ficção. Ao publicá-lo, após a Abolição, Machado transgride o implícito comportamento de silêncio, no processo de esquecimento a que foi submetida a história da escravidão” (TRÍPOLI, 2006, p. 129). Machado de Assis, com seu narrador ácido e irônico, suas personagens caricatas, como o pai branco, puro, “cândido”, pureza reforçada também em seu sobrenome “neves”, sua esposa igualmente pura, “clara” e a negra fujona, cujo fruto não merece viver para que o filho branco possa, a escrava mesmo com significado relacionado à arma no nome, possui apenas braços e pernas para se defender. Além das referências à pureza e à brancura no nome dos personagens brancos, a narrativa escrita por Machado de Assis apresenta uma localização geográfica do Rio de Janeiro que, com os nomes das ruas fazendo referência à situação vivida pelas personagens, garante verossimilhança e qualidade estética à obra,

Se a vida dos personagens e seus nomes são inconsequentes, o texto possui uma lógica de funcionamento impecável. Os nomes de ruas, por exemplo, estão entremeados de alusões à trama e às motivações dos personagens, observando-se aqui o realismo topográfico com o qual Machado descreveu o Rio de Janeiro e que chamou a atenção de Mário de Andrade: a escrava grávida, segundo anúncio divulgando sua fuga, parecia andar pela “Rua do Parto e da Ajuda”; o dinheiro do resgate seria efetivamente pago a Cândido na residência senhorial, marcada pelo pelos termos “Ourives” e “Alfândega”. Nesse prazer lúdico de nomear, e explorando até as últimas consequências as potencialidades da linguagem, a ficção machadiana propõe uma renovação na leitura de questões sociais e existenciais (GOMES, 2009, p. 207).

Mesmo tendo sido publicado 18 anos após a Abolição da escravatura, esse conto não é um comentário atrasado em relação ao regime, mas sim um retrato de uma violência estrutural que seguiu e segue acontecendo mesmo depois da assinatura da princesa. O marco do fim da escravidão no Brasil é apenas simbólico, político,

Parece-nos que a intenção do autor não foi entender ou explicar o passado, mas sim dizer da irresolução dele e do sofrimento que persistia e não podia ser ignorado. A abolição quebrara os grilhões, pendurara as máscaras, aposentara os chicotes, mas não fora capaz de derrubar as barreiras do

preconceito e tornar sujeito o ex-escravo. A lei, por si só, não viabilizara uma real integração do liberto na sociedade; não lhe resgatara o respeito, a aceitação e o reconhecimento como sujeito, homem em condições de igualdade, apesar da diferença de origem e cor (TRÍPOLI, 2006, p. 130).

Para expandir a análise desse conto e considerar também a realidade das escravas grávidas pode-se levar em considerações situações descritas pelo historiador Sidney Chalhoub, no livro *Machado de Assis Historiador*, especialmente em seu capítulo “Liberdade aos frutos”. Sabe-se que a Lei do Ventre Livre foi promulgada em 28 de setembro de 1871, entretanto, o ato de libertar os escravos nascidos a partir dessa data era falacioso já que a mãe continuava cativa e o filho, mesmo legalmente liberto, continuaria sob os cuidados do dono de sua mãe até os 21 anos de idade, além de dever respeito ao seu “ex-dono” por tempo indeterminado,

O que estava em jogo, entre outras coisas, era precisamente o reconhecimento ou não da validade do princípio de que “o parto segue o ventre” – ou seja, a ideia, vigente na escravidão ocidental havia séculos, de que a condição do filho seguia a do ventre da mãe. Assim, filho de ventre livre nascia ingênuo, de ventre escravo nascia escravo. Apelidar o filho livre da mulher escrava de “liberto”, como defendiam vários adversários do projeto, significaria reconhecer que a criança, sendo originária de ventre cativo, nascia escrava, para ser imediatamente libertada (CHALHOUB, 2003, p. 172).

A confusão entre as nomações de “ingênuo” e “liberto” preocupavam tanto simpatizantes quanto combatentes do regime e, ao considerar a situação de Arminda, pode-se concluir que sua fuga era motivada pela liberdade de seu filho em duas possibilidades: a primeira, se essa lei não existe no mundo ficcional descrito pelo narrador de “Pai contra mãe”, Arminda foge grávida para ser livre e garantir liberdade a seu fruto; e a segunda possibilidade, vislumbra uma possível influência da lei no universo do conto, Arminda sabe que mesmo seu ventre sendo livre e seu filho, pela lei, nascer livre também, essa liberdade não é efetiva se a mãe continua cativa. Presente no universo ficcional ou não, a Lei do Ventre Livre constitua em uma ficção por si só, conforme Chalhoub (2003, p. 172), “apelidar de ‘ingênuo’ ao filho de mãe escrava significava encarar a instituição da escravidão como um universo de ficções ou invenções do direito positivo”.

4.3 Mariana

“Mariana aos 18 anos era o tipo mais completo da sua raça. Sentia-se lhe o fogo

através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados” (ASSIS, 2009, p. 112).

O conto “Mariana” não está presente em nenhuma coletânea de contos organizada por Machado de Assis. Foi publicado em janeiro de 1871, no *Jornal das Famílias*. A narrativa inicia, despretensiosamente, com o personagem Macedo contando sobre seu retorno ao Rio de Janeiro, após 15 anos no exterior. Depois de surpreender-se com o quanto as coisas haviam mudado desde sua partida, Macedo encontra o amigo Coutinho e decidem reunir-se a outros dois amigos para conversar.

Entre bebidas, comidas e risadas, Coutinho toma a palavra e passa a descrever um episódio do qual nenhum dos amigos tinha conhecimento, disse que não tinha se casado com Amélia, sua prima, da qual era noivo, e que antes e depois disso foi amado muitas vezes, e conclui “mas nem depois nem antes, e por nenhuma mulher fui amado jamais como fui” (ASSIS, 2009, p. 112). Os amigos indagam se ele fala de Amélia, ele nega, dizendo estar se referindo a uma cria da casa. Os ouvintes se espantam, mas o narrador continua sua história.

Essa cria da casa era Mariana, escrava que foi criada com cuidados parecidos aos que a mãe de Coutinho tinha com as filhas. A cativa apenas não se sentava à mesa com a família e não podia sair para a sala quando recebiam visitas, fora isso, era como se fosse livre. Coutinho relata que Mariana não recebeu a mesma educação que suas irmãs, mas, mesmo assim, sabia muito mais que qualquer mulher na condição dela, que sabia ler, escrever, costurar e até aprendeu francês.

A escrava, no entanto, apaixonou-se por Coutinho e, ao descobrir que ele estava de casamento marcado, passou a andar triste pela casa. Coutinho chegou a conversar com sua irmã Josefa sobre os males que acometiam a moça. Os dois tentaram, a primeira vez sem sucesso, interpelar a jovem sobre o motivo da tristeza. Josefa, enfim, descobriu que a cria era apaixonada pelo senhor e, oito dias antes do casamento, Mariana fugiu. Coutinho ficou muito aflito com a fuga, alegando estar preocupado com os ânimos de sua mãe, que gostava muito da escrava.

Quando encontrou Mariana, conseguiu a confissão de seu amor e ao levá-la para casa intercedeu pela cativa diante dos julgamentos de Amélia, que havia nutrido um ciúme muito grande pelo interesse de seu noivo na cativa. A mãe de Coutinho e Josefa não ficaram irritadas com Mariana, pois a saudade era maior que a raiva, entretanto, quatro dias antes do casamento, aconteceu uma segunda fuga e, dessa

vez, só sobrou a raiva. Os moradores da casa cobravam o tempo todo gratidão de Mariana pela condição em que ela estava e pelo tratamento que ela recebia.

A segunda fuga fez com que Coutinho temesse o pior, que Mariana estivesse tentando se matar, já que dias antes estava mais alegre e misteriosa que de costume. E, de fato, Mariana havia fugido para morrer diante da impossibilidade de viver o amor que nutria e, em frente a Coutinho, suicida-se tomando veneno. O final do relato de Coutinho aos amigos é concluído com a resolução de que o jovem contou a verdade sobre Mariana a sua mãe, para que perdoasse a garota e, mesmo ocultando a verdade de Amélia, o casamento entre os dois não ocorreu.

Coutinho termina seu relato com a seguinte frase:

Tal foi, meus amigos, este incidente da minha vida. Creio que posso dizer ainda hoje que todas as mulheres de quem tenho sido amado, nenhuma me amou mais do que aquela. Sem alimentar-se de nenhuma esperança, entregou-se alegremente ao fogo do martírio; amor obscuro, silencioso, desesperado, inspirando o riso ou a indignação, mas no fundo, amor imenso e profundo, sincero e inalterável (ASSIS, 2009, p. 127).

E, a ironia e a genialidade dos narradores de Machado de Assis se fez presente no último parágrafo do conto:

Coutinho concluiu assim a sua narração, que foi ouvida com tristeza por todos nós. Mas daí a pouco saíamos pela Rua do Ouvidor fora examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade (ASSIS, 2009, p. 127).

O apego que Coutinho parece demonstrar, em seu relato, por Mariana é simplesmente esquecido ou pomenorizado por “pés das damas que desciam dos carros”. Para Chalhoub (2003, p. 136), “o crime da escravidão produzira cinco minutos de ‘remorsos’ aos quarentões bem-pensantes que, remoçados, voltam logo ao papel de predadores sociais e sexuais”. Mariana e seu amor não passam de um prêmio, ou afago no ego de Coutinho. Durante toda a narrativa, a condição da “cria da casa” é reforçada como se a menina fosse quase livre, “o narrador insiste em descrever a situação da escrava em sua casa aproximando-a à condição de liberdade” (CHALHOUB, 2003, p. 134). E, ao mesmo tempo em que o tratamento com Mariana é de doçura e cuidado, a escrava precisa demonstrar imensa e irremediável gratidão por estar sendo “bem tratada”.

No momento em que Mariana subverte a família que exerce poder sobre ela é logo apontada como “insolente”, apresentando o caráter discordante dessa família

“tão boa”, pois “os fatos desmentem a doçura ideológica a cada passo: ao mostrar desenvoltura e sentimentos próprios, impróprios na visão dos senhores, Mariana torna-se ingrata” (CHALHOUB, 2003, p. 134). Em concordância, Trípoli (2006, p. 117) elucida que “sua condição servil é imediatamente lembrada e sua atitude é considerada uma ingratidão com aqueles que sempre a trataram como a uma igual, da família”.

A mudança de foco da história da escrava apaixonada, para a visão dos pés das moças constitui uma estratégia utilizada outras vezes pelo escritor, a “de dissimular seu posicionamento, dando a palavra ao homem branco, para que ele mesmo se exponha e torne explícita a insensibilidade e o descaso que trata os afrodescendentes” (DUARTE, 2009, p. 264). O conto “Mariana” não é uma simples tragédia de amor não-correspondido, mas também, é a denúncia de como a escravidão diminui a importância dos seres humanos por terem uma cor de pele diferente. Mariana por ser negra e escrava não poderia amar quem quisesse, “um sentimento inviabilizado pelo preconceito que sustenta a desigualdade entre negros e brancos, desqualificando os primeiros” (TRÍPOLI, 2006, p. 117).

“Mariana” assim como “O caso da vara” e “Pai contra mãe” são as únicas narrativas em que, sintomaticamente, as personagens femininas revelam o tema da escravidão ao mesmo tempo que assumem importância (quase que central) nessas narrativas. As três escravas, ao serem nomeadas, já se diferenciam de muitos escravos da obra de Machado de Assis, mas não é só isso. Lucrecia e Arminda chegam a antagonizar com os interesses dos protagonistas de seus contos e Mariana, a cria da casa, conquista sua liberdade e sua cura para o amor platônico de forma romântica, com o suicídio. Papéis e possibilidades que dificilmente são delegadas a mulheres, que dirá, mulheres negras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida dos escravos na Corte brasileira, durante o século XIX, estabeleceu alguns dos elementos das relações sociais que vemos nos dias de hoje. Mesmo que, ao final de 1890, a maioria da população negra já fosse livre, a literatura e as manifestações sociais do período ou não representavam negros ou ainda representavam o povo negro atrelado à escravidão. Nesse sentido, o estudo da obra de Machado de Assis, como visto no terceiro capítulo deste trabalho, nos mostra que o autor se preocupou sim em escrever sobre os problemas de seu tempo, porém, interessa pensar como os escravos fazem parte dessa história. Os protagonistas da obra machadiana não são negros, pois o próprio negro ainda não era protagonista de sua história

Comparando os resultados encontrados, foi possível perceber que personagens negros permeiam, majoritariamente, o pano de fundo das obras de ficção, sejam elas romances ou contos, como se fossem “simples” marcadores temporais. Além disso, as únicas narrativas em que a escravidão é deliberadamente exposta são os contos: “O caso da vara”, “Pai contra mãe” e “Mariana”.

Considerando a comparação entre as datas de publicação das obras e o tempo descrito nas diegeses entende-se que “Mariana”, o primeiro conto dentre os três, de 1871, apresenta, na narrativa, elementos que remetem à escrita romântica, como o amor impossível e o suicídio. “O caso da vara”, publicado em 1881, tem mencionado pelo narrador, que a história aconteceu pelo ano de 1850, marco importante na história do povo negro, já que foi o ano de proibição do tráfico negreiro. Por último, “Pai contra mãe”, é publicado em 1906, 18 anos após a Abolição, como forma de não deixar ser esquecida a violência sofrida pelo povo negro.

Muito antes de advogar pela inocência de Machado de Assis quanto às acusações de indiferença aos problemas de seu tempo, este trabalho tinha um objetivo, primeiro e crucial, de comprovar a importância literária de críticas à exploração do ser humano e da importância de representar mulheres e sua luta. As três escravas analisadas não têm voz, suas histórias são narradas e estão sujeitas a homens brancos e, quando falam, são súplicas de o mínimo de humanidade. Lucrecia, Arminda e Mariana: a primeira, marcada pela dicotomia riso *versus* cicatrizes; a segunda, marcada por sua luta tanto por liberdade, quanto pela integridade do seu

fruto; e, a última, marcada por seu amor impossível e por seu desejo de liberdade através da morte, suicídio.

A primeira, atrapalhada e prejudicada por Damião, que ao invés de interceder por ela como havia prometido, opta por defender interesses próprios. A negrinha chega a implorar por ajuda “por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor... — Me acuda, meu sinhô moço!” (ASSIS, 2008a, p. 13). A segunda, capturada e mutilada por Cândido Neves, que para salvar a vida do filho, não vê problema no aborto da escrava. A cativa também suplica “— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço” (ASSIS, 2008b, p. 128). A terceira, iludida e apaixonada por Coutinho, que, mesmo noivo de outra mulher, alimenta as esperanças da cria da casa e a importância da morte de Mariana é menor do que os pés de moças desconhecidas na rua. Mariana lamenta seu amor platônico “fugi porque eu o amo, e não posso ser amada, eu sou uma infeliz escrava.” (ASSIS, 2009, p. 121) e ao final, na face da morte, se mostra resignada com sua posição “não lhe quero mal por isso. Nhonhô não tem culpa: a culpa é da natureza.” (ASSIS, 2009, p. 126).

Lucrecia, Arminda e Mariana, personagens dos referidos contos, representam a classe marginalizada, desprestigiada socialmente e são aquelas que os narradores do autor colocam em cena para falar de escravidão, garantindo a importância literária que o tema merece para ser discutido, independente de período histórico. As três escravas são a minoria das negras que é nomeada em toda obra de prosa. O nome não é apenas uma “nomeação”, mas sim, a garantia de uma identidade, um “rosto”, um ser humano. Além disso, as três mulheres representam os “problemas” e, possivelmente, “soluções” das tramas.

O regime é denunciado através de mulheres negras escravas, a classe que estava mais à margem na sociedade e que era explorada em diversos níveis. Além de ser vendida como mercadoria, tinha sua força de trabalho explorada e ainda era capaz de gerar mais escravos que também seriam mercadoria e venderiam sua força de trabalho. Essas mulheres, apesar de submissas e reificadas, compõem a crítica machadiana na ficção. Ponderando que o autor, em sua vida profissional como funcionário público, sempre esteve a favor da raça que era escravizada e, em suas publicações nas folhas volantes do jornalismo, usava pseudônimos para escrever críticas à escravidão.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. PROLETÁRIOS E ESCRAVOS imigrantes portugueses e cativos africanos no rio de janeiro, 1850-1872. *Novos Estudos* CEBRAP Nº 21, julho de 1988, p. 30-56.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

ASSIS, Machado de. A semana. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, Anno XIX, n. 133, p. 1, 14 maio 1893. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1893_00133.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2020.

ASSIS, Machado de. 19 de abril de 1888. In.: GLEDSON, John. *Bons Dias!* São Paulo: Unicamp, 2008c, p. 91-94.

ASSIS, Machado de. 19 de maio de 1888. In.: GLEDSON, John. *Bons Dias!* São Paulo: Unicamp, 2008d, p. 109-111.

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2005.

ASSIS, Machado de. O caso da vara. In.: ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas / Relíquias de casa velha*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008a, p. 3-14.

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In.: ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas / Relíquias de casa velha*. Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008b, p. 113-130.

ASSIS, Machado de. Mariana. In.: DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis: afrodescendente – escritos de caramujo* [antologia]. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Pallas/ Crisálida, 2009, p.109-127.

BARBOSA, Rui. O adeus da Academia. In.: GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTAYN, Ieda. *Escritor por escritor Machado de Assis segundo seus pares 1908-1939*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019.

CHALHOUB, Sidney. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CONFORTO, Marília. *O escravo de papel: o cotidiano da escravidão na literatura do século XIX*. Caxias do Sul: Educs, 2012.

COUTINHO, Afrânio. Machado de Assis e o problema do mestiço. *Revista do Brasil*, nº 20, fev., 1940, p. 28.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis: afrodescendente – escritos de caramujo* [antologia]. Rio de Janeiro/ Belo Horizonte: Pallas/ Crisálida, 2009.

FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre (Biografia intelectual) *In.*: BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO Mario; FACIOLI, Valentim. *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

FERREIRA, Antonio Luiz. *Recorte da Missa Campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura*. 17 maio 1888a. 1 fotografia. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/wp-content/uploads/2015/05/MISSA_IMAGEM_CORTE.jpg. Acesso em: 05 mar. 2020.

FERREIRA, Antonio Luiz. *Recorte da Missa Campal de Ação de Graças pela Abolição da Escravatura em que aparece Machado de Assis*. 17 maio 1888b. 2 fotografia. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/wp-content/uploads/2015/05/MISSA_IMAGEM_CORTE21.jpg. Acesso em: 05 mar. 2020.

GLEDSOON, John. Bons Dias! *In.*: GLEDSOON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 114-160.

GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. *In.*: LIMA, Luís Costa. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 105-118.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: colocações gerais. *In.*: LIMA, Luís Costa. *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 67-84.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KASPARI, Tatiane. Também se goza por influxo dos lábios que narram: Dom Casmurro e o ensino de Literatura. *In.*: SARAIVA, Juracy Assmann; ZILBERMAN, Regina. *Machado de Assis em perspectiva: ficção, história e manifestações sociais*. São Leopoldo: Oikos, 2019, p. 179-205.

LUCRATIO. *In.*: SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novissimo dicionário latino português etymologico, prosodico, historico, geographico, mytologico, biographico etc*. Livraria Garnier. Paris; Rio de Janeiro, 1910, p. 690.

LUCRETILIS. *In.*: SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino português etymológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.* Livraria Garnier. Paris; Rio de Janeiro, 1910, p. 690.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. A arena jurídica e a luta pela liberdade. *In.*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. REIS, Letícia Vidor de Souza. *Negras Imagens: Ensaios sobre Cultura e Escravidão.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996, p. 117-137.

MEYER, Augusto. *Machado de Assis.* Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, Corag, 2005.

MORAES, Renata Figueiredo. O "dia delírio" de Machado de Assis e as festas da Abolição. *Machado Assis em Linha.* Vol.11, n. 23, 2018, p. 34-53.

PINSKY, Jaime. *A escravidão no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2011.

RODRIGUES, Ironides. Introdução à literatura Afro-Brasileira. *Thoth*, nº 1. Brasília: Gabinete do senador Abdias Nascimento, jan./abr., 1997, p. 255-266.

SENNA, Marta de. Introdução. *In.*: ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas / Relíquias de casa velha.* Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008a, p. IX-XXXIII.

SENNA, Marta de. Cronologia. *In.*: ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas / Relíquias de casa velha.* Edição preparada por Marta de Senna. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008b, p. XXXV-XLII.

SENNA, Marta de. Romances e contos em hipertexto. *Machado de assis.net.* Disponível em: < http://machadodeassis.net/hiperTx_romances/index.asp>. Acesso em: 24 jul. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. *In.*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. REIS, Letícia Vidor de Souza. *Negras Imagens: Ensaios sobre Cultura e Escravidão.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996a, p. 11-29.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Questão racial no Brasil. *In.*: SCHWARCZ, Lilia Moritz. REIS, Letícia Vidor de Souza. *Negras Imagens: Ensaios sobre Cultura e Escravidão.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996b, p. 153-177.

TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. *Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis.* Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. *In.*: SEVCENKO, Nicolau; NOVAIS, Fernando A. *História da Vida Privada no Brasil* República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 3, 1998, p.49-130.